LOMBA ALTA

©2008 by André Severo

LOMBA ALTA
Programa de Residência
Residency Program

Rua Joaquim Pedro Salgado, 145/801
90420-060 - Bela Vista - Porto Alegre, RS - Brasil
lombaalta@gmail.com
www..lombaalta.org

Produção Projeto Lomba Alta / Lomba Alta Production
André Severo
Cláudia Vieira
Grady Gerbracht
Paula Krause

Coordenação Projeto Lomba Alta /Lomba Alta Coordination
Cláudia Vieira
Grady Gerbracht

Coordenação editorial / Publishing Coordination
André Severo
Paula Krause

Concepção Geral do Livro e Projeto Gráfico / General Concept and Graphic Design
André Severo

Editoração /Graphic Edition
André Severo
Paula Krause

Fotografia da capa / Cover photograph
Grady Gerbracht

Fotografias / Photographs
Alexandre Moreira, André Severo, Cláudia Vieira, Denise Gadelha, Grady Gerbracht, Jane Pinheiro, Paula Krause, Marcelo Coutinho, Marcelo Moreira, Sandro Torquetti

Revisão em Língua Portuguesa / Portuguese Version Review
André Severo
Paula Krause

Tradução / Translation
Yayoi Elize Wada

Revisão em Língua Inglesa / English Version Review
Claudia Vieira
Grady Gerbracht

Impressão / Print
Pallotti

Impresso no Brasil
Printed in Brazil

L O M B A A L T A

PROGRAMA DE RESIDÊNCIA

RESIDENCY PROGRAM

ANDRÉ SEVERO

CLÁUDIA VIEIRA

GRADY GERBRACHT

PAULA KRAUSE

ALEXANDRE MOREIRA

DENISE GADELHA

MARCELO COUTINHO

MARCELO MOREIRA

DANIELA LABRA

O *Conexão Artes Visuais* é uma parceria entre a Petrobras, a FUNARTE e o Ministério da Cultura. Nossa empresa, através do Programa Petrobras Cultural, contempla uma série de editais em parceria com a FUNARTE, abrangendo diversos segmentos de expressão artística. Assim, através de seleção pública, contribuímos para incentivar não apenas a produção de arte, mas também sua difusão.

Nosso país tem uma sólida tradição no campo das artes visuais. Gerações se sucedem, expressões de alta qualidade se consolidam num renovar constante. A Petrobras apóia a iniciativa da FUNARTE, cujo objetivo é justamente estimular a produção artística, sua difusão e, ao mesmo tempo, abrir espaço para o debate e o intercâmbio de idéias.

Em 2007, foram inscritos no *Conexão Artes Visuais* 285 projetos. Deles, 36 foram contemplados com o patrocíno da Petrobras. São distintas vertentes das artes visuais, propostas por artistas de diferentes gerações e dos mais diversos pontos do mapa brasileiro – a confirmar, uma vez mais, a riqueza e a diversidade da nossa criação artística, bem como sua abrangência geográfica. Temos, entre os projetos selecionados, mostras da criação artística do Acre e da Bahia, do Ceará e do Distrito Federal, do Paraná e do Maranhão, do Rio de Janeiro e de Sergipe, de Goiás e do Rio Grande do Sul – enfim, do país inteiro.

Ao apoiar, uma vez mais, a parceria com a FUNARTE, a Petrobras reitera seu compromisso com a produção, a difusão e o debate sobre as artes.

Maior empresa brasileira e maior patrocinadora da cultura em nosso país, a Petrobras entende que faz parte de sua responsabilidade social, de seu compromisso de empresa cidadã, apoiar iniciativas cuja abrangência não faz mais do que contribuir para o incentivo aos nossos artistas, e, ao mesmo tempo, contribuir para o resgate e a preservação da memória. Assim, estamos participando, junto com os artistas, os pesquisadores e o público, de um esforço coletivo para aproximar o nosso futuro.

BR PETROBRAS

SUMÁRIO

CONTENTS

11 APRESENTAÇÃO

FOREWORD
André Severo

23 RESIDÊNCIAS ARTÍSTICAS:
UM ESPAÇO-TEMPO PARA REFLETIR E CRIAR CULTURA

ARTISTS' RESIDENCIES:
A SPACE-TIME TO CULTURAL THOUGHT AND PRODUCTION
Daniela Labra

29 ARTISTAS RESIDENTES

RESIDENCY ARTISTS
André Severo
Cláudia Vieira
Grady Gerbracht
Paula Krause

55 ARTISTAS CONVIDADOS

GUEST ARTISTS
Alexandre Moreira
Denise Gadelha
Marcelo Coutinho
Marcelo Moreira

81 COLABORAÇÕES

COLLABORATIONS

16 LOMBA ALTA

APRESENTAÇÃO

FOREWORD

André Severo

Não me parece exagero pensar que a prática artística tenha servido, ao longo da história de sua consolidação, como recurso pelo qual o homem granjeou (através de imagens sensoriais, ou representações sensíveis), não somente responder e exprimir questões a respeito da beleza sensível e do fenômeno artístico – ou ainda sobre a ciência das faculdades sensitivas humanas, investigadas em sua função cognitiva particular –, como também para elucidar (ainda que não de maneira clara e didaticamente objetiva) questões relativas à natureza da consciência, à relação mente e corpo, à identidade pessoal e à complexidade e abrangência das relações intersubjetivas. Talvez por isso, aproximar-se das investigações feitas no campo da arte (para além da teatralidade, da narrativa, da composição e do arranjo matérico formalizado) seja, afora uma disposição dirigida para a execução de alguma finalidade sensível realizada de forma consciente, controlada e racional, também oportunidade de se inaugurar um modo particular de relacionar-se com o mundo (em sua dimensão ampla e fundamental), de pensar o sujeito (ôntica e ontologicamente) e conformar a realidade (sua aparência factual e sua potencial dissimulação), como um movimento de recusa categórica às polaridades que arraigamos, voluntária ou involuntariamente, em nossa existência sócio-cultural.

Sem que haja muito ao que daí se obstar, não se pode, todavia, negar que como um terreno que não oferece comodidade, que muitas vezes provoca indisposição, que constrange, perturba e conduz a reflexões sobre as condições instáveis de nossa própria inscrição existencial, a experiência no plano da arte muitas vezes assemelha-se a uma travessia pela estrada agreste e polifurcada da multiplicidade de significados – conexos, desconexos, dissonantes e complementares – atribuíveis às sensações empíricas e às racionalizações por conceitos polissêmicos. Pensada em tais termos, a disposição para prática e para a reflexão artísticas pode também ser encarada como inclinação irreflexa para a deambulação por uma horizontalidade panorâmica capaz de confundir os raciocínios, exarcebar os sentidos, tornar convergentes as experiência de dissociação, de fissura, de vagueamento psicofisiológico, de veleidade e fratura conceitual e fragmentação estrutural que, de forma cada vez mais célere, temos experienciado em nossa vida de cada dia. Trata-se, conforme acredito, de um campo aberto, sem fixidez, sem norte definido e cujas vias enviesadas exigem facilidade para mudar de posição – sobretudo para que possamos lidar com a indefinição de um campo (e neste caso o melhor talvez fosse dizer descampado) reflexivo e expressivo que constantemente insiste em velar suas qualidades ou particularidades, não nos permite a aproximação senão enquanto grandeza incógnita e, por vezes, somente se faz vislumbrar como uma bruma que mistura a realidade concreta e sua *fração parafactual*.

Historically, Art practice has served as means for humankind not only to express perceptual beauty through the artistic phenomenon (by means of either sensorial images or perceptual representation) as examined through the cognitive function of human sensorial faculties, but also, to elucidate (even if not in a clear and didactically objective manner) questions related to the nature of consciousness, the mind/body relationship, personal identity and the complex and the wide range of (inter)subjective relationships. It might be for this reason that investigating the field of art (beyond the composition of performative, narrative, and material formal arrangements) is not only the execution of some controlled, rationalized or consciously realized perceptual idea, but also the opportunity to create a particular way to relate to the world in its fundamental and diverse dimensions. It is also, a way of thoroughly thinking through the subject, ontologically, interrogating (non)factual appearances and the potential dissimulation of reality, and a way to categorically question polarities that have voluntarily or involuntarily grown out of our socially and culturally inherited patterns.

As a terrain that offers little comfort, one that often provokes indisposition, that constrains, disturbs and leads to reflections on the unstable conditions of our own existential inscription, the art experience often seems like crossing the harsh and multi-forked road of meanings – connected, disconnected, dissonant or complementary – that can be attributed to empiric perceptions and polissemic concept rationalizing. Considered under such terms, artistic praxis and thought can be seen as an unreflecting inclination towards deambulation through a panoramic horizontality capable of misleading rational thinking, intensifying the senses, stimulating dissociations, fissure, psycho physiologic vagueness, whim, conceptual rupture and structural fragmentation of the experiences that converge ever more swiftly into our everyday lives. It is, according to my beliefs, an open field, without settings, without a definite north and that demands easily changing points of view – especially so that we can deal with the indefinite, reflective and expressive field (and in this case it might be better to call it an open country) that constantly insists in veiling its qualities or peculiarities, not allowing us to approach it except as the great unknown which at times only shows itself as a mist that mixes concrete reality with its *parafactual fraction*.

When we think a little more deeply about contemporary creative production, in terms of both the creative process necessary for making art, as well as the social circumstances surrounding its production, it becomes evident that means to support production, theorizing, release, presentation, dissemination and wider debate, have shown to be too homogeneous, contingent, neglecting and unstable (except for rare cases). In this scenario, although the conditions that make the flow of artistic production and exhibition in a less adverse context possible

Mais uma vez, não parece haver ao que se contrapor, no entanto, quando pensamos um pouco mais profundamente sobre o que atualmente se produz em termos de investigação criativa, sobre as circunstâncias mesmas de se praticar arte ou mesmo de aceitar a personalidade social de artista hoje, torna-se patente a evidência de que as instâncias que socialmente detém as qualificações que as habilitam como âmbitos potenciais de apoio à produção, à teorização, à divulgação, à apresentação, à disseminação e ao debate mais abrangente, tem se demonstrado (salvo raras exceções) por demais homogêneos, contingentes, omissos e instáveis. Neste quadro, ainda que não sejam visíveis (ao menos de onde estou mirando) as condições que tornam possível um encadeamento fluído da produção e exibição artística em um contexto menos adverso, se pode pensar que a investigação artística (em toda sua potência de contaminação cultural e antropossocial) conserva sua força e continua a prover suas próprias necessidades somente ao passo em que existem artistas e pensadores que, a despeito da pouca eficácia das políticas culturais vigentes, se mantêm firmes no propósito de encontrar alotrópicas e impremeditáveis maneiras de manter-se estruturalmente ligados a todos as esferas do organismo cultural consocial – fato este, que fica especialmente evidente nos dias atuais, em que as associações interdisciplinares proliferam, em que movimentações de grupos de artistas visuais fazem associações inesperadas com conjuntos de filósofos, músicos, sociólogos, antropólogos; em que interações inusitadas entre a áreas distintas como a geologia, a física e a psicologia reverberam no trabalho de cineastas e escritores; em que colaborações inusitadas criam novas possibilidades criativas e nos fazem ver que, mais do que espelhar os acordos, os pactos, os ajustes formais e as convenções, a função da experimentação criativa é a de nos oferecer a possibilidade de operar uma certa desarticulação na relação ordinária que mantemos com nossos sistemas culturais e antropossociais de referência.

Por desvariadas que soem tais ponderações, elas se relevam aqui, pois é também refletindo esta inter-relação de fatos e circunstâncias que o projeto LOMBA ALTA acabou por tomar corpo. Apresentando-se como um programa de residência e intercâmbio cujo principal objetivo é o de oferecer a artistas e pesquisadores brasileiros e estrangeiros, assim como a outros profissionais (críticos, escritores, fotógrafos, filósofos, arquitetos, sociólogos, antropólogos, etc.), a oportunidade de experienciar, conceitualizar e desenvolver trabalhos e pensamentos no contexto do ambiente natural e cultural da paisagem peculiar da região central do sul do Brasil, o projeto instaura-se como uma aposta na convicção de que a criação artística, a despeito da necessidade intrínseca dos momentos de reflexão individual, não pode (ou não precisa) prescindir das circunstâncias de troca, de intercâmbio de idéias e vivências e do compartilhamento saudável de experiências.

are not apparent (at least not from where I stand), it can be considered that the art production (with all its potential for cultural and socio-anthropological contamination) keeps its strength and continues to provide its own needs only because of the existence of artists and thinkers who, despite the low efficiency of present cultural policies, pursue allotropic and unpredictable ways to continue structurally connected to all spheres of the socio-cultural body. This becomes ever more evident today with the increasing need for interdisciplinary associations, groups of visual artists who make unexpected associations with groups of philosophers, musicians, sociologists, anthropologists, to name a few. Reverberation of unusual interactions between artists and distinct areas such as geology, physics, psychology, can be seen in the work of filmmakers and writers as well. Such unusual collaborations generate new creative possibilities and make us see that, more than reflecting deals, pacts, formal adjustments and conventions, the role of creative experimentation is to offer the possibility to break with the ordinary relationship that we have with our cultural, social and anthropological system of reference.

These thoughts might sound unrelated, but they are relevant because it is as a result of this inter-relation of facts and circumstances that LOMBA ALTA came to be. It is a residency program and exchange with the main purpose of offering Brazilian and foreign artists and researchers, as well as other professionals (critics, writers, photographers, philosophers, architects, sociologists, anthropologists, etc.), the opportunity to experience, conceptualize and develop work and IDEAS in the natural and cultural environment and the scenic landscape of the central region of South Brazil. PROJETO LOMBA ALTA restores stake in the conviction that artistic creation, despite the intrinsic need for moments of individual reflection, cannot (or does not need to) renounce the possibilities to exchange ideas, and the healthy sharing of experiences and research across disciplines. Furthermore, without trying to become any sort of answer or solution to the miasma of circumstances apparent in the collapsing social and cultural situation we live in, this project attempts to focus on an interaction that eliminates the fixed categorical barriers and avoids artificially established differences and distinctions. This proposal tries to offer an alternative symbolic terrain to embody artistic investigation within a context more suited to contemporary reality that, instead promotes interconnections, transverse contacts and breaking hierarchic categories.

Following the principals of contextual detachment and cultural confrontation experienced by the creators of the program, while in residency programs around the world, PROJETO LOMBA ALTA evolved out of discussions about the fact that some of the existing artist residency programs (particularly in Western Europe, the United States and Asia) have shown to be vital to the

Além disso, sem almejar ser nenhuma espécie de resposta ou solução para o conjunto de circunstâncias que ajuda a assentar a situação sócio-cultural em evidente colapso em que nos encontramos (mas, ao mesmo tempo, tentando dar enfoque a uma forma de interação que se subtraia à fixação em barreiras categoriais e passe ao largo de diferenças e distinções artificialmente estabelecidas), esta proposta busca oferecer um terreno simbólico para corporificar investigações artísticas em eixo com as conexões, os contatos transversais e as volições de quebra de hierarquias categoriais que, cada vez mais fortemente, parecem conformar a realidade contemporânea.

Pautado na experiência de deslocamento contextual e de confrontação cultural vivenciada por seus criadores em programas de residência ao redor do mundo, o projeto LOMBA ALTA foi gerado a partir de discussões sobre o fato de que alguns dos programas de residência de artistas existentes (particularmente na Europa Ocidental, nos Estados Unidos e na Ásia) tem se demonstrado de vital função e de peculiar importância para a promoção de situações estimulantes para o desenvolvimento, produção e intercâmbio artístico, cultural e social. Concebido dentro de um contexto (cada vez mais corrente no campo circunscrito das artes visuais contemporâneas) que acaba por forçar a aparição de associações de artistas e pensadores que se sentem impelidos a colocar em discussão seu panorama social e cultural imediato e realizar experiências, digamos, mais de acordo com o quadro atual – que possibilita que artistas criem e formalizem suas próprias instituições e provoquem deslocamentos não somente na forma como também nas instâncias de disseminação de pensamentos artísticos; que faculta que associações aparentemente modestas mostrem-se capazes de transmitir, como parasitas entre hospedeiros, lógicas autacóides em raciocínios conformados e inventar outras e impremeditáveis possibilidades relacionais e existenciais – esta proposta pretende oferecer-se, outrossim, como opção para ampliar as discussões acerca dos rumos da cultura em nosso país.

Ademais, conforme a perspectiva que ajudou a estabelecer as diretrizes de ação desta iniciativa, a experiência direta na paisagem, o intercâmbio de idéias, as reflexões sobre problemas específicos e questões presentes na gênese da criação de uma obra ou pensamento artístico, não podem ser dissociados da produção criativa e intelectual. Desta forma, mais do que uma adaptação do sistema de residência de artistas (não tão difundido no Brasil, mas já consolidado em centros artísticos ao redor do mundo) este projeto pretende ser uma espécie de laboratório aberto à convivência criativa e reflexiva intensa e sem conformações apriorísticas. E é nesse sentido que, utilizando-se do contexto e das características peculiares da paisagem rural do Rio Grande do Sul e do espaço físico de uma fazenda, em plena atividade, na região central do estado (da qual o projeto empresta também o nome), o

promotion of stimulating situations for the development and production of artistic, cultural and social exchange. This project was conceived in a certain context (ever more important in the field of contemporary visual arts) that has forced the creation of associations of artists and thinkers who feel impelled to discuss their immediate social and cultural panorama and to realize experiments, shall we say, more in keeping with the climate of contemporary production – that allows artists to create and formalize their own institutions and be autonomous, not only in form, but also in artistic thought dissemination. Apparently modest associations are able to transmit, as parasites among hosts, autacoid logic in conformed rational thinking and create other unpredictable relational and existentialist possibilities. In addition, this proposal is intended to create the opportunity to amplify discussion on the future of culture in Brazil and around the world.

Moreover, according to the perspective that helped establish the guidelines for this initiative, direct experience with the landscape, exchange of ideas, and reflections about specific questions that are central to artistic work and thought can not be dissociated from creative and intellectual production. Thus, it is more than an adaptation to the artist residency system (not yet quite so popular in Brazil, but which has already been consolidated in artistic centers around the world). This project intends to be an open laboratory for creative living and intensive reflection. It is in this sense that the project tries to offer space and means for the realization of individual or group artistic investigations where attention may be focused on landscape and the habits of the specific local community, making use of the context and peculiar features of the rural Rio Grande do Sul landscape, and the space offered by a working farm (from which the project takes its name), in the central region of the State. PROJETO LOMBA ALTA also attempts to focus on the experience of creative activity and reflection shared through the promotion of debates on the possibilities for artists and thinkers of different academic and cultural backgrounds to experience possible or even impossible interaction of their praxes. Thus, we intend the development period of the project to be a better way to reflect, not only questions dear to the communication or art fields, but also on the human world group, with its lines of desire, affective polarities, sensorial landscape, changing contexts and mobile networks.

It can be stated that the foundations that helped take this project proposal ahead are based on the relevant fact that artist residency models or even similar opportunities are not very well explored within Brazil. Whilst proving effectively that the diversity and wealth of this kind of experience can add an essential disposition for the development of creative praxis, the program is intended as a fruitful trial to support the artistic production of Brazilian and international guests that will take part in the proposed residency. Bu it is also a model for sharing

projeto pretende oferecer o espaço e os meios para a realização de investigações artísticas individuais ou coletivas intensamente atentas à paisagem e aos hábitos de uma comunidade regional específica; bem como colocar em foco a experiência do fazer criativo e reflexivo compartilhado através da promoção de debates em torno das possibilidades de artistas e pensadores de diferentes disciplinas e culturas vivenciarem a possibilidade, ou mesmo a impossibilidade, de interação de suas práticas. Intentamos, assim, que o período de desenvolvimento do projeto seja também uma forma de melhor refletir, não apenas sobre questões caras ao campo da comunicação ou ao terreno da arte, mas também sobre o conjunto do mundo humano, com suas linhas de desejo, suas polaridades afetivas, suas paisagens de sentido, seus contextos mutáveis e suas redes móveis.

Pode-se dizer que uma das bases que ajudaram a levar adiante a proposta deste projeto assenta-se no fato de que a relevância do modelo de residência de artistas, ou mesmo de oportunidades similares, é muito pouco explorada em território nacional. Também nesse sentido, ao passo em que atestamos, efetivamente, que a diversidade e riqueza deste tipo de experiência podem adicionar uma disposição essencial para o desenvolvimento da prática criativa, propomos este programa, não apenas como uma proveitosa tentativa de dar suporte para a produção dos artistas e produtores brasileiros e internacionais que irão participar da residência ora oferecida, mas também como uma espécie de modelo de compartilhamento da riqueza e diversidade cultural passível de ser seguido e desenvolvido em outras partes do território nacional. Deste modo, a proposta de fundação de um programa de residência de artistas pelo projeto LOMBA ALTA, almeja, outrossim, desencadear o compartilhamento coletivo de experiências calcadas na transformação permanente do pensamento e do gesto artístico que incitam ao fundamento de um envolvimento mais estreito com a arte e com o outro. Pretendemos, portanto, que o projeto que ora propomos componha-se como uma forma de melhor compreender as linguagens, os artefatos e as instituições sociais que, hoje, pensam dentro de nós como uma espécie de inteligência a ser disseminada dentro de uma dimensão coletiva mais ampla. Além disso, a exemplo de outras propostas que já vem sendo desenvolvidas com sucesso no estado do Rio Grande do Sul, no âmbito desta experiência, guarda-se também o objetivo de exprimir circunstâncias de troca e envolvimento entre a elaboração artística, o ambiente social citadino e rural e o contato (direto ou indireto) com agremiações consociais como uma das possibilidades de compartilhamento da experiência com a arte.

Desde seu esboço, o objetivo geral do projeto LOMBA ALTA tem sido o de investir no processo reflexivo e nos procedimentos artísticos de uma forma abrangente – reforçando a pesquisa e a reflexão como partes integrantes da

cultural wealth and diversity that might be followed and developed in other parts of the country. Thus, PROJETO LOMBA ALTA's proposal to establish an artist residency program, aims at unchaining the collective sharing of experiences based on the permanent transformation of the thinking and the artistic gesture that stirs up a closer relationship with art and the other. We intend the proposed project to be composed of a better way to understand languages, artifacts and social institutions that, today, are thought as some sort of intelligence to be disseminated in a wider collective dimension. Moreover, following the example of other proposals that have already been successfully developed in the State of Rio Grande do Sul, in the line of this experiment, another objective is to express circumstances of exchange and involvement between the artistic elaboration, social urban and rural environment and the (direct or indirect) contact with social groups as a possibility for sharing the experience of art.

From its inception, the general objective of PROJETO LOMBA ALTA has been to investigate the process of making and thinking about art – reinforcing research and reflection as part of artistic investigation and reiterating the field of art as a multidisciplinary area able to generate patent issues for the reflection of the future of contemporary culture. Thus, the expectation for the establishment of convergences able to stimulate changes in the direction of thought, moving it in new directions and encouraging overlappings of thought and movement can be highlighted in this proposal. This means that artists and thinkers involved in the project, as well as those who directly or indirectly join it, will experience an investigative period characterized by exchange, above all. Where we stand, the challenges of the project are still the ones that lead us to its elaboration and helped establish its guidelines and objectives: to instigate a growing number of people to perceive artistic production as a singular communicative experience and to make it a space for experimentation and exchange by having participants immersed in a stimulating context and providing diverse attitudes towards making and thinking about art – making it possible to celebrate the contact with dilemmas and issues common to each praxis, the sharing of certainties and doubts, and where discussion and follow up of the multiple poetic roads that compose the present artistic panorama are possible.

In this first edition, thanks to the support of FUNARTE's Conections Visual Arts Award, PROJETO LOMBA ALTA has had the chance to evolve from a mere idealization into a feasible proposal. It will generate diverse experiences and put a state of collaborative creation, favoring reflection and participation, without imposing languages or tendencies, into circulation. For this reason, in presenting this proposal, we publicly take on the responsibility, not only to join other voices in the conceptual expansion of art in the contemporary world, but also to attempt to

investigação artística e reiterando o terreno da arte como um campo multidisciplinar capaz de gerar questões patentes para as reflexões sobre os rumos da cultura contemporâneas. Desta forma, o que se pode desde já destacar desta proposta é a expectativa do estabelecimento de convergências capazes de estimular ainda um certo número de mudanças de rumo, ajudando a canalizar a atividade reflexiva para novas direções e encorajando a justaposição de pensamento e movimento – compondo assim, para os artistas e pensadores envolvidos no projeto e para os que entrarem em contato direto ou indireto com esta proposta, um período investigativo caracterizado, sobretudo, pelo intercâmbio. No ponto em que nos encontramos, os desafios do projeto conservam-se os mesmo que levaram à sua elaboração e ajudaram a estabelecer suas diretrizes e compor seus objetivos: que são os de instigar um número cada vez maior de pessoas a perceber a produção artística como experiência comunicativa singularizada e o de tornar-se um espaço de experimentação e intercâmbio pela imersão de seus participantes em um contexto que estimule e proporcione atitudes criativas e reflexivas diversificadas – fazendo com que se possa celebrar o contato com os dilemas e inquietações típicas de cada prática, o compartilhamento de certezas e dúvidas, e se possa discutir e acompanhar os múltiplos caminhos poéticos que perfazem o panorama artístico atual.

Nesta sua primeira edição, graças ao patrocínio de projeto Conexões da FUNARTE, o projeto LOMBA ALTA ganha a chance de deixar de ser uma mera idealização para tornar-se, efetivamente, uma proposição factível – capaz de gerar experiências diversas e colocar em circulação um estado de criação colaborativa que favoreça a reflexão e a participação e não imponha linguagens ou tendências. Por isso, ao apresentar esta proposta, assumimos publicamente o compromisso de não somente tentar fazer coro com outras tentativas de expansão conceitual da arte do mundo contemporâneo, mas também o de procurar operar na tensão das diversidades que caracterizam a cultura de nosso tempo, e de ajudar a articular os diferentes mundos, da arte, da cultura e da existência, como comunicação participativa. Apostando na justaposição de contextos, na diversificação de meios, na interação de linguagens doutrinas e práticas, no debate circunstanciado e na interrogação comparticipada sobre os limites e fronteiras da experiência artística, o projeto LOMBA ALTA pretende se estabelecer não somente como instância fomentadora da produção artística e cultural contemporânea, mas também como organismo incentivador da difusão do pensamento criativo e reflexivo no meio social. Nossa expectativa é a de que esta experiência tenha, em breve, continuidade e que outros artistas e pensadores possam partilhar e agregar-se a este projeto, fazendo nascer, em outros lugares, outras situações e outros contextos, novas e impremeditáveis redes de articulação.

work with the tensions inherent in the diversity that is a feature of contemporary culture, and to help articulate the worlds of art, culture, and existence, as a participatory means of communication. We put our stakes in the overlapping of seemingly disparate contexts, in the diversification of approaches, in promoting interaction between languages, doctrines and praxes, in the detailed debate and cooperative interrogation of the limits and borders of the artistic experience. PROJETO LOMBA ALTA intends not only to establish itself as fostering contemporary cultural and artistic production, but also as a motivating organism for the diffusion of creative and reflective thought in local and international social spheres. Our expectation is that this experience will soon be continued and that other artists and thinkers will be able to share and join this project, making other places, with other situations in other contexts possible and making new unpredictable articulation networks emerge.

RESIDÊNCIAS ARTÍSTICAS:
UM ESPAÇO-TEMPO PARA REFLETIR E CRIAR CULTURA

ARTISTS' RESIDENCIES
A SPACE-TIME FOR CULTURAL THOUGHT AND PRODUCTION

Daniela Labra

Estar em residência é um termo engraçado. Não tem a ver realmente com o fato de se estar em casa, mas talvez pudesse ser quase isso. Não no verdadeiro lar, mas num escritório temporário que funciona como habitação. É que no meio das artes plásticas, um artista residente em algum lugar está vivendo sua vida porém a trabalho. Coisa estranha essa junção de arte vida que só acontece para quem é artista. Mas se a vida parece fácil, a arte é difícil.

Se as práticas artísticas se transformaram e diversificaram no último século, os processos de criação também mudaram um tanto, distanciando o fazer criativo de premissas tecnicistas das belas artes e aproximando-o de procedimentos inspirados em outras disciplinas e outras vivências. Nesse sentido é que nos últimos 20 anos uma grande quantidade de programas de residência artística foi implementada em todo o mundo com a intenção de se oferecer um lugar e um tempo ao profissional para que ele se dedique à pesquisa diversa e possa, assim, desenvolver ou aprofundar uma poética em curso.

Por outro lado, com a internacionalização cada vez maior do circuito de arte contemporânea, as residências começaram a se multiplicar ganhando uma outra função além daquela de servir como um local para o estímulo à criação artística. Hoje, a maioria desses programas também serve como uma base internacional onde o residente pode alcançar e ser alcançado por outros artistas, curadores e críticos, fazendo com que sua produção circule e ganhe visibilidade. Este movimento então estaria de acordo com a lógica própria do sistema da arte atual, onde diversos atores fora do circuito oficial de grandes museus e galerias se encarregam de divulgar – e institucionalizar - poéticas.

Diante desta realidade, há residências em que o foco pode estar principalmente nessa troca profissional, enquanto que outras se mostram como uma espécie de retiro para a criação onde não são feitas maiores pressões para que o artista apresente ao meio de arte local alguma obra ou mesmo palestra sobre seu processo. Entretanto, de um modo ou de outro as mais de 200 residências espalhadas pelo globo têm como fundamento estimular o *networking* além da pesquisa artística. Esta é por sua vez uma contribuição relevante num mundo cada vez mais conectado onde integrar uma rede é passo número um para garantir a sobrevivência (e a carreira) do profissional autônomo – condição inequívoca do artista de qualquer área.

Além dos dois eixos principais oferecidos por programas de residência – servir como espaço para criação e também como local para trocas profissionais – nota-se que estes são verdadeiros lugares de intercâmbio de idéias, fontes

Being in residency is a funny term. It is not really about being home, but it could almost be that. Not an actual home, but a temporary office that works as a living place. In plastic arts, a resident artist anywhere is living his or her life but it is mostly work. It is a strange mix between life and art that only happens to those who are artists. Yet if life seems easy, art is difficult.

If artistic practices have been changed and diversified in the last century. The process of creation has also changed some, putting a certain distance between the creative act and technical art premises. It has also gotten closer to procedures inspired by other disciplines and other experiences. In that sense, the last 20 years have seen a great amount of artistic residency programs implemented all around the world with the intention to offer a place and time for the professional to dedicate him/herself to various types of research and so that the artist can develop or deepen the poetics in course.

On the other hand, with the increasing internationalization of the contemporary art circuit, trends have been multiplied, getting a new function besides that of serving as a place to stimulate artistic creation. Today, most of these programs also serve as international base where the resident can reach and can be reached by other artists, curators and critics, making their production circle around and being more seen. This movement could then be considered in accordance to the logic of the present art system itself, where various actors out of the official circuit composed by great museums and galleries publicize – and institutionalize – poetics.

Facing this reality, there are residencies that might be mainly focused on this professional exchange, while others seem like a place to retreat for creation where there is no pressure for the artist to present the local environment with any work or even talks about their process. However, one way or another, all of the over 200 residencies spread throughout the world have a common fundament which is to stimulate networking besides artistic research. This is a relevant contribution in an increasingly connected world where integrating a net is the first step to guarantee an independent professional survival (and career) – which is the indubitable position of an artist in any area.

Besides the two main pillars offered by residency programs – serving as space for creation and also as a place to make professional exchanges – it can be noticed that these are places for exchange of ideas, constant oxygen sources for the local artistic circuit that has the privilege of hosting such a program open to artists from various precedence. Swedish, American, Mexican, Argentinean, Brazilian...

constantes de oxigenação do circuito artístico da localidade que tem o privilégio de abrigar um programa que acolhe artistas de várias procedências. Suecos, norte-americanos, mexicanos, argentinos, brasileiros... Imaginemos um lugar que é freqüentado por estas e outras nacionalidades durante todo o ano, onde cada visitante-residente deixa uma foto, um catálogo, um relato, um registro. Aos poucos um arquivo de poéticas vai sendo formado e a riqueza que surge é o melhor produto final a ser oferecido para o meio das artes.

Como residências artísticas não têm fins lucrativos, para mantê-las o subsídio público ou privado tem que vigorar. Porém, se trata de programas que enfocam o processo e a pesquisa, e não oferecem o lucro da venda de obras-primas para quem patrocina. É preciso assim estar alerta ao fato de que, ao ter no enriquecimento do meio cultural o seu maior aporte, uma residência não apenas se relaciona com o fazer artístico, mas também com a política cultural. Tais programas ajudam na formação de público e colocam idéias frescas para circular fomentando a tão falada democratização da arte – noção muito recorrente nos discursos brasileiros de hoje mas ainda tão árdua de ser alcançada na prática.

Daniela Labra é curadora independente e pesquisadora.
Foi curadora residente pela FRAME, em Helsinki (2005) e pelo IASPIS, em Estocolmo (2007).

Imagine a place where people from all of these countries come all year round, where each visiting-resident could leave a photograph, a catalogue, a report, a record. Slowly a file of poetics will be formed and the wealth that emerges from that is the best final product to be offered to the art field.

Since artistic residencies are non-profit organizations, there must be public or private support in order to maintain them. However, it is a program that focuses on the research process and it does not offer supporters the profit from the sales of works of art. It is imperative to alert to the fact that, in having the enrichment of the cultural area as its biggest contribution, residency is not only relevant for the artistic work itself, but also as a cultural policy. Such programs help form the public and put fresh ideas into circulation, promoting the praised democratization of art – which is a recurrent concept in Brazilian speech today, yet still very hard to reach in practical terms.

Daniela Labra is an independent curator and researcher.
She was the resident curator for FRAME, in Helsinki (2005) and for IASPIS, in Stockholm (2007).

ARTISTAS RESIDENTES

RESIDENT ARTISTS

André Severo

Cláudia Vieira

Grady Gerbracht

Paula Krause

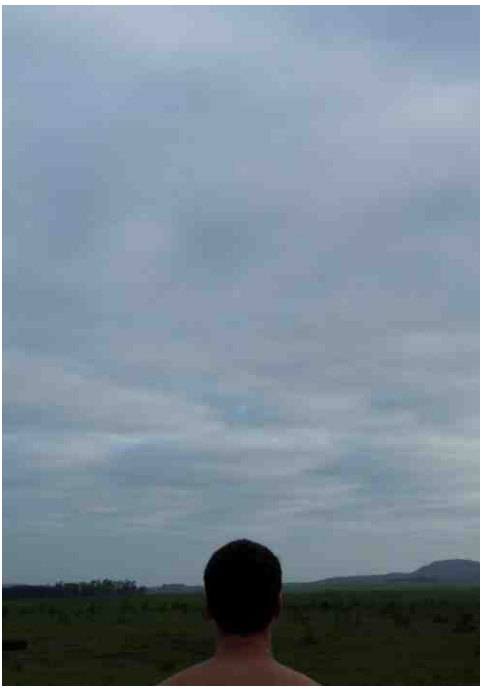
ANDRÉ SEVERO

Nascido em 1974, em Porto Alegre, RS. André Severo vive e trabalha em Porto Alegre. Mestre em poéticas visuais pelo *Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul*, iniciou, em 2000, ao lado de Maria Helena Bernardes, as atividades de *AREAL,* projeto que se define como uma ação de arte contemporânea deslocada que, partindo de descampados físicos e conceituais expandidos e transitando entre a concretude do cenário natural e a intangibilidade da produção artística, entre o deslocamento do corpo sobre a paisagem e o trânsito do pensamento por contextos e culturas distintas, configura uma aposta em situações transitórias capazes de desvincular a ocorrência do pensamento contemporâneo dos grandes centros urbanos e de suas instituições culturais. Em 2004 publicou *Consciência errante*, quinto volume da série *Documento Areal* que busca contribuir com o eixo das reflexões contemporâneas sobre o estabelecimento de um intenso diálogo a respeito das fronteiras que conformam os processos de conhecimento que possibilitam a existência da arte.

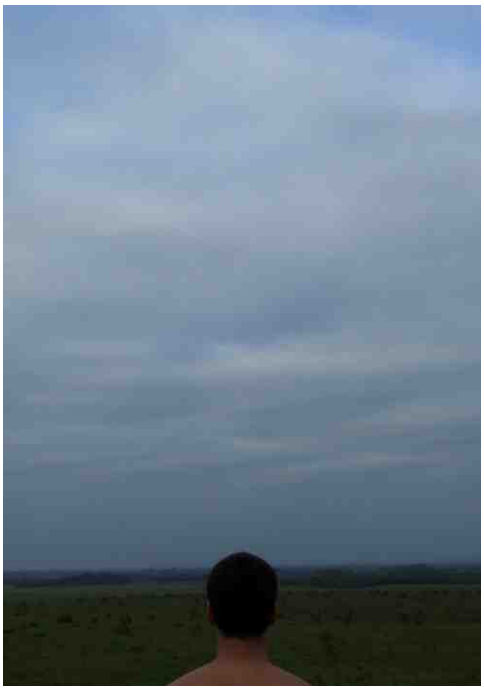
Born in 1974, in Porto Alegre, RS. André Severo lives and works in Porto Alegre. He holds a MFA in Visual Arts from the Art Institute at the Federal University of Rio Grande do Sul and started AREAL activities in 2000, together with Maria Helena Bernardes. This was a project that he defines as a detached contemporary art act that started from physical open terrains and expanded concepts, moving towards the concrete natural landscapes and the intangible artistic production, between the movement of the body over landscape and the transit of thought through different cultural contexts, configuring a stake in transitory situations capable of detaching the occurring fact from contemporary thoughts of big urban centers and their cultural institutions. In 2004 he published *Consciência errante*, fifth volume of the series *Documento Areal* that seeks to contribute in the line of contemporary reflections on the establishment of an intense dialogue about the boundaries that form the process of knowledge that enables the existence of art.

Creio ser característica da espécie que representamos, além do condão de transpor a realidade para o plano das idéias, também a capacidade de percebemos nossos pensamentos, gestos e motivações a partir do contexto em que estamos imediatamente inscritos. Subsistindo em ambientes carregados de elementos e significados, nos encontramos constantemente na situação de sermos atraídos ou repelidos pelas características particulares desses contextos. A partir de uma experiência de imersão coletiva que nos desloca de nosso ambiente usitado, não somente podemos ter a oportunidade de aprofundamento de formas, como também a chance de deixar transparecer, para nós mesmos e para o outro, a elaboração emaranhada da reflexão, o curso serpeante do processo imaginativo. Quando observado a partir do transmudamento e da comparticipação, em paisagens e ambientes distintos, não raro nos fica evidente que o conjunto de representações, gestos e imagens guardadas em nossa consciência, não precisa ser, necessariamente, delimitado pelo arranjo de formas, pela combinação automática de signos. Partindo destes pressupostos e de uma tentativa de operar uma espécie de desvio em minha produção recente, a experiência de residência que tive a oportunidade de realizar no projeto Lomba Alta consistiu, primacialmente, em uma ação programada de deslocamento físico na paisagem e girou em torno dos possíveis confrontos entre meu corpo e a própria paisagem como possibilidades de deliberar um movimento, forjar um acontecimento e projetar o deslocamento do pensamento e do gesto para o campo aberto da não racionalização, para o universo lateral da imaterialidade. Como uma aposta na invasão do templo de certezas arraigadas pela dimensão de imprevisibilidade, como uma tentativa de abertura na perspectiva de transfixação da experiência artística consignada, minha intenção foi, primacialmente, a de fazer relevar o fato de que alterando-se a percepção imediata do ambiente e abrindo-se para a criação comparticipada, se aposta na capacidade humana de apreender o espaço, o gesto e o raciocínio como realização em si – e não apenas como preâmbulos para objetos ou imagens a serem a partir deles compostos. Permitindo-me, pois, acompanhar o nascimento e a formação, sob as diversas perspectivas de apreensão e entendimento, de um entrecruzamento de atitudes, aptidões, convenções e intenções, minha vivencia no contexto desta região tão peculiar do Rio Grande do Sul, mais do que oportunidade de produzir uma peça objetual ou imagética que resumisse a experiência, acabou, por fim, por servir como alimento para minha insistente suspeita de que a prática artística se move a partir de duplicações e contrastes e que, nesta circunstancia indistinta, a paisagem semelha ser, também, um elemento insubmisso, impremeditável e potente – não obstante, capaz de desviar o gesto, contaminar o pensamento, alterar a química da interação psicofisiológica e provocar o encadeamento de ações transversais e raciocínios sinuosamente orientados.

I believe that the privilege of transposing reality to the level of ideas, and the capacity to realize our thoughts, gestures and motivations outside of the context in which we are immediately inscribed is a particular characteristic of the human species. Existing in heavily charged environments full of elements and meanings, we constantly find ourselves attracted to or repelled by specific features within these contexts. A collective immersive experience, which detaches us from our usual environment, can bring about the opportunity, not only to deepen shapes, but also to make the elaboration of tangled thought, and the whirling imaginative process transparent for ourselves and for the other. When observed from an exchange and sharing point of view, in landscape and distinct environments, it is often evident that the group of representations, gestures and images collected in our consciousness does not necessarily have to be limited by the arrangement of shapes, by the automatic combination of signs. Based on these premises and an attempt to detour from my recent production, the residency experience I had the opportunity to carry out with the Lomba Alta project consisted primarily of a programmed action of physical detachment in the landscape and around possible confrontations between my body and the landscape itself as a possibility to deliberate movement, invent a happening and project the detachment of thinking and gesture to the open field of non-rational, to the lateral universe of the immaterial. It was as though a bet had been placed in the invasion of the temple of certainties rooted in the dimension of unpredictability, as an attempt to open transfixed perspectives of consigned artistic experiences. My intention was primarily to reveal the fact that changing the immediate perception of the environment and opening up to co participant creation, we make a bet on the human capacity to apprehend space, gesture and rational thinking as a realization in itself. They are not only preface to objects or images that will be composed by them. I let myself follow the birth and formation, under different perspectives of apprehension and understanding, in an intersection of attitudes, aptitudes, conventions and intentions. My experience in the context of this peculiar region of Rio Grande do Sul was more than an opportunity to produce a piece of objective or image like work that could summarize the experience. It ended up serving as food for my recurrent suspicion that the artistic praxis moves from duplication and contrast and that in these indistinct circumstances, the landscape also seems to be a non-submissive, unpredictable and powerful element. Yet it is able to deviate the gesture, contaminate the thinking, alter the chemistry of psycho-physiologic interaction and provoke a chain of transversal actions and rational thinking tortuously guided.



CONTEMPLAÇÃO. **Performance/fotografia**. Dimensões variáveis. 2008.



CONTEMPLATION. **Performance/photograph**. Variable dimensions. 2008.

CLÁUDIA VIEIRA

Nasceu em 1964 em Porto Alegre, RS. Vive e trabalha entre Nova York e Porto Alegre, RS. Seu trabalho examina a relação entre indivíduos e o entorno através de registros da experiência vivida do tempo e do espaço. *Topografias Arquitetônicas*, iniciado em 2001, é um projeto continuo que inclui ambientes espaciais que integram arquitetura, desenho, vídeo e performance estimulando no expectador um momento de auto-consciencia. Foi artista residente no Kyoto Arts Center, no Japão, no Sculpture Space e na Triangle Arts Association, em Nova York. Mestre em Escultura e Novas Formas pelo Pratt Institute, em Nova York, participou em exposições nacionais e internacionais que incluem, *Infinite Line: Contemporary Drawing in Time and Space*, na Rotunda Gallery, *wateLINE [NYC-Utica]* no Sculpture Space, *Drawing Conclusions* no Islip Art Museum, nos EUA; *underLINE [Kyoto]* no KAC Art Gallery no Japão, na Kunsthalle/Malmo na Suecia, na Kuntlerhaus Bethanien em Berlin, na Galeria Vermelho em São Paulo e no Museu de Arte Moderna da Bahia, no Brasil. Foi artista contemplada com o I Premio Projeteis de Arte Contemporanea da FUNARTE/MINC em 2005-6 e da Urban Artist Initiative: New York da NYFA/New York Foundation for The Arts, em 2008.

Born in 1964 in Porto Alegre, RS. Lives and works between New York and Porto Alegre, Brazil. Her work examines the relationship of individuals to our environment focusing on the lived experience of time and space. *Architectural Topographies* [2001-present] is an ongoing project of a series of site-specific environments, spatial meditations that integrate drawing, architecture, video and performance while offering the viewers an intensified moment of self-awareness. Since graduating from the MFA program in Sculpture and New Forms, at Pratt Institute, in New York, she has exhibited nationally and internationally. Recent exhibitions include: *Infinite Line: Contemporary Drawing in Time and Space* at the Rotunda Gallery, *wateLINE [NYC-Utica]* at Sculpture Space, *Drawing Conclusions*, at the Islip Art Museum, in the US. *Linhad'agua [PoA-RJ]* was exhibited at Galeria da FUNARTE, Rio de Janeiro and *underLINE [Kyoto]* was shown at the Kyoto Arts Center in Japan, the Kunsthalle/Malmo in Sweden, Huntlerhaus Bethanien in Berlin, at Galeria Vermelho in São Paulo and at the Museum of Modern Art of Bahia, in Brazil. She was an artist-in-residence at Kyoto Arts Center, in Japan, at Sculpture Space and at Triangle Arts Association, in New York. Recent awards include the I Projeteis Contemporary Art Prize 2005-6, from the National Foundation for the Arts/FUNARTE and the Brazilian Ministry of Culture and the Urban Artist Initiative: New York from the New York Foundation for The Arts/NYFA, in 2008.

Cada desenho de Claudia Vieira é único, uma linha contínua, um segmento de uma meta-linha maior que se estende através de sua vida e seus projetos. Linha d´ Agua começou quando sua caneta teve contato pela primeira vez com a parede da galeria na FUNARTE. Ou não foi? Esta linha traça a trajetória da artista de sua casa, no Rio Grande do Sul, seguindo rios e tributários até o mar; e depois, através da costa leste do Brasil, até chegar no local de exposição no Rio de Janeiro. Portanto, o ponto de chegada é também ponto de partida, de onde a linha continuamente se espirala para fora, circundando tudo.

Embora tenha implicações conceituais e seja o âmago formal que definirá, finalmente, o formato do desenho subsequente, a referência geográfica é quase uma desculpa para que Vieira pratique estar no tempo e no espaço.

Seu processo é uma espécie de meditação espacial em que ela continuamente afirma sua própria presença ao permitir que sua linha se expanda, sempre eqüidistante de si, não muito diferente de um monge que remexe areia em um jardim Zen. É um processo em que a artista se torna intimamente familiarizada com todos os milímetros do espaço – como se estivesse tatuando a pele da arquitetura, ela usa seu corpo para inscrever toda superfície com o real, o atual, o momentâneo.

Através deste ser intencional, Cláudia Vieira abre um espaço heterotópico para uma ocupação mutua entre ela e o público. Sua regra, aparentemente simples, de usar linhas eqüidistantes, vibra; fazendo com que o espaço ordinário transforme-se em um espaço complexo e vertiginoso que nos cerca e absorve; onde bidimensional, tridimensional e tetradimensional se entrelaçam. Em uma articulação e desarticulação de espaço simultâneo, o projeto sobrepõe extremos de escala desde dimensões reais dos nossos corpos neste espaço até escalas tectônicas de imagens geográficas de satélite.

Embora a evidência linear da experiência concentrada da artista tenha se acumulado no espaço em extremos gráficos em preto e branco, Linha d´Agua paradoxalmente complica e determina os limites supostos entre origem e destino, dentro e fora, real e virtual, artista e público; e finalmente, entre o self e o outro.

Grady Gerbracht

Each of Claudia Vieira´s drawings is a single, continuous line, a segment of the larger meta-line that extends throughout her life and her projects. Linha d´ Agua began when her pen first made contact with the wall in the gallery at FUNARTE. Or did it? This line traces the artists trajectory from her home in Rio Grande do Sul following tributaries and rivers to the sea and then along the eastern coast of Brazil until it arrives at the site of the exhibition in Rio de Janeiro. Thus, the point of arrival is also a point of departure from which the line continuously spirals outward encompassing everything.

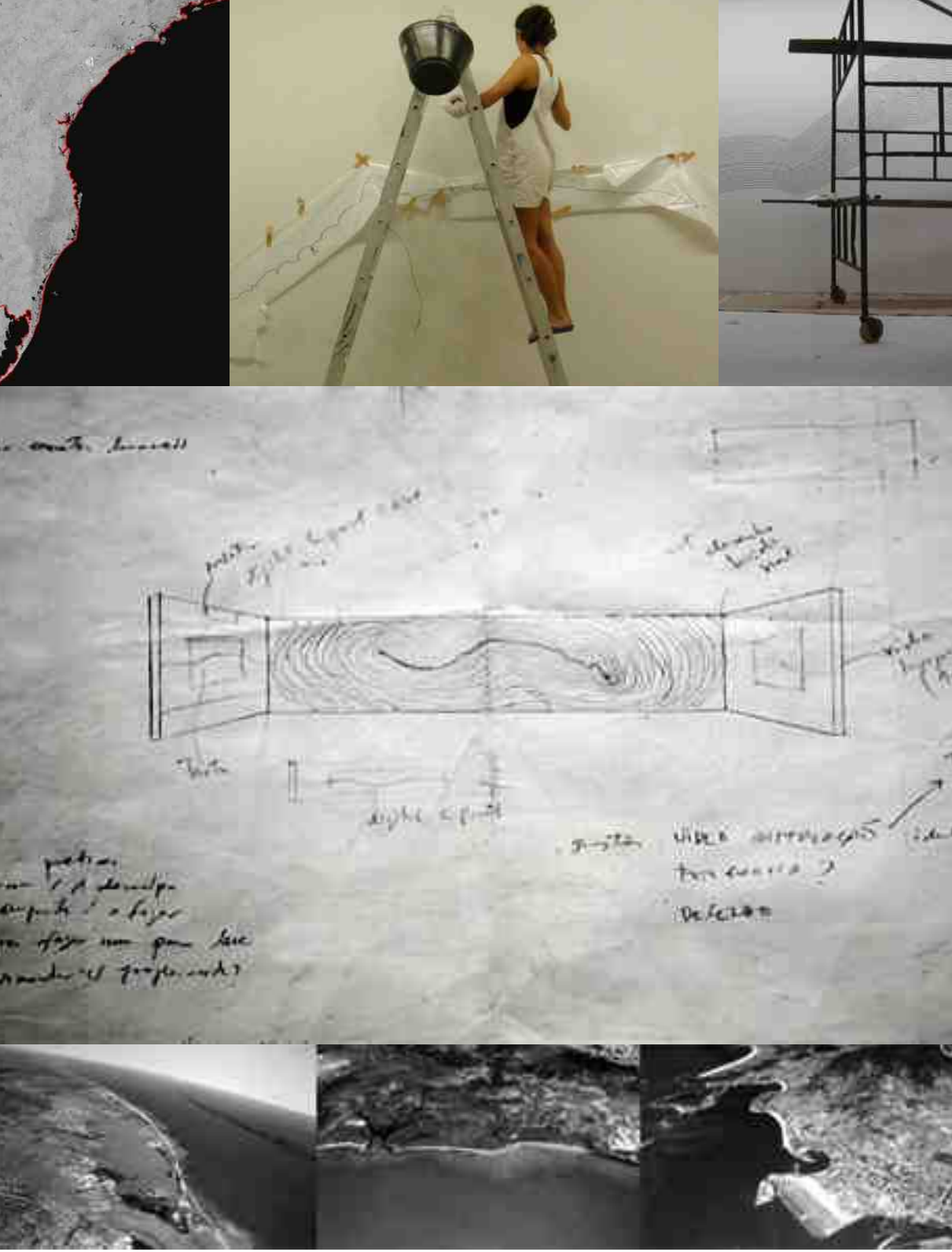
Although it has conceptual implications and is the formal kernel which will ultimately determine the shape of the subsequent drawing, the geographical reference is almost an excuse for Vieira to practice being in time and space.

Her process is one of spatial meditation wherein she continually affirms her own presence by allowing her line to extend, always equidistant from itself, not unlike a monk raking sand in a Zen garden. She becomes intimately familiar with every millimeter of the space - as if tattooing the skin of architecture, she uses her body to inscribe every surface with the real, the actual, the momentary.

Through this intentional being, Vieira opens a heterotopic (other) space for mutual occupation by her self and the audience. Her seemingly simple rule of equidistant lines vibrate, turning an ordinary space into a complex vertiginous space that surrounds and absorbs us, where the two dimensional, three dimensional and four dimensional intertwine. A simultaneous articulation and dis-articulation of space, the project superimposes extremes of scale from the real dimensions of our bodies in this space to the tectonic scale of geographic satellite imagery.

Although linear evidence of the artist's concentrated lived experience has accumulated in the space in graphic extremes of black and white, Linha d´Agua paradoxically complicates and overdetermines assumed boundaries between origin and destination, inside and outside, real and virtual, artist and audience, and ultimately, self and other.

Grady Gerbracht



LINHA D'ÁGUA [rs-rj]. **Desenho/ambiente/performance.** Dimensões variáveis 2007.

WATERLINE [rs-rj]. **Environment/drawing/performance**.Variable dimensions 2007.

GRADY GERBRACHT

Nascido em 1974 em Nova York, USA, Grady Gerbracht vive e trabalha em Brooklyn, NY. Seus projetos empregam arte, arquitetura, som e dinâmicas sociais para tornar temporariamente visíveis os sistemas de ordenação da vida cotidiana. Artista plástico e Professor do Departamento de Arte da *Stony Brook University*, NY, foi membro diretor do FLUXart Center for Digital Arts, em Nova York e organizou eventos para o grupo de produtores culturais *Nomads + Residents*, de 2001-2003. Seus projetos foram publicados e exibidos nos EUA, Brasil, Japão, Coréia, Alemanha, Inglaterra, Suécia, Holanda, Dinamarca e Finlândia. Como curador, organizou exposições como *Back and Forth, Global Priority, e Civic Performance* que viajaram internacionalmente. Em 2006 foi artista contemplado com a *Danish Arts Council Grant*.

Born in 1974 in New York, USA, Grady Gerbracht lives and works in Brooklyn, NY. His projects employ art, architecture, sound and social dynamics to render the ordering systems of everyday life temporarily visible. A Professor in the Department of Art at *Stony Brook University*, NY, he was a member and director of FLUXart Center for Digital Arts, in New York and organized events for the group of cultural producers called *Nomads + Residents*, from 2001-2003. His projects have been published and exhibited in the USA, Brazil, Japan, Korea, Germany, England, Sweden, Holland, Denmark and Finland. As a curator, he has organized exhibits such as *Back and Forth, Global Priority, and Civic Performance* that have traveled internationally. In 2006, he was awarded a *Danish Arts Council Grant*.

Por haver poucas estradas na parte rural dos pampas no sul do Brasil (e ao passo em que a distância mais curta entre dois pontos é uma linha reta) os cabos de força que alimentam com eletricidade as fazendas mais isoladas seguem uma lógica pragmática – muitas vezes deixando rotas estabelecidas, como estradas de terra e linhas de trem, cortando as paisagens naturais da região. A partir destes cabos de força pode-se traçar uma linha (de uma fazenda à próxima, através de pitorescas plantações de arroz e soja cheias de animais pastando) em direção aos centros urbanos de onde se originam as fontes de eletricidade.

Este projeto, intitulado 62931-62943, visualiza esses cabos de força como um instrumento de corda monumental que continuamente produz uma música de oscilação ímpar – que é, a meu ver, o resultado de uma colaboração inconsciente entre homem e natureza. O som incidental, capturado por microfones de contato enterrados sob o solo na base de postes numerados de concreto, é amplificado, chamando a atenção para freqüências que são sempre produzidas por atividade sísmica e campos eletromagnéticos ao redor dos cabos de alta tensão, oferecendo a hipnotizante trilha sonora para essa instalação de áudio/vídeo

62931-62943 existe como uma série de fotografias e uma instalação meditativa de galeria em áudio/vídeo na qual me propus a dar visualidade aos planos de som puro que correspondem às gravações de campo que fiz em vários intervalos de cabos de alta tensão.

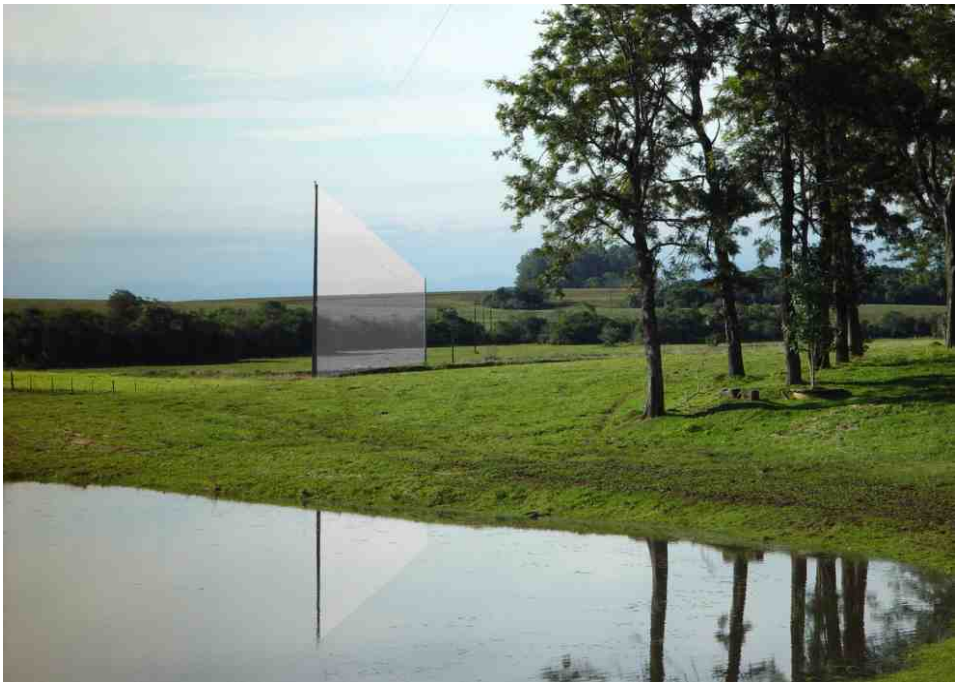
62931-62943 é um mapeamento alternativo que ignora os limites de propriedade da paisagem rural do sul do Brasil. O vídeo, através de uma narrativa bastante abstrata, conta a história de minha descoberta e de minha fascinação com esse fenômeno sônico durante as caminhadas diárias que empreendi através dos campos enquanto residia no PROJETO LOMBA ALTA. É uma crônica dos meus encontros diários com arquiteturas imaginárias de pura vibração sonora através daquilo o que passei a chamar de um "tempo agricultural" – um tempo mais devagar no qual a comunidade local funciona; um tempo que se baseia em ritmos naturais como o crescimento das plantações, o engorde dos animais e a mudança das estações.

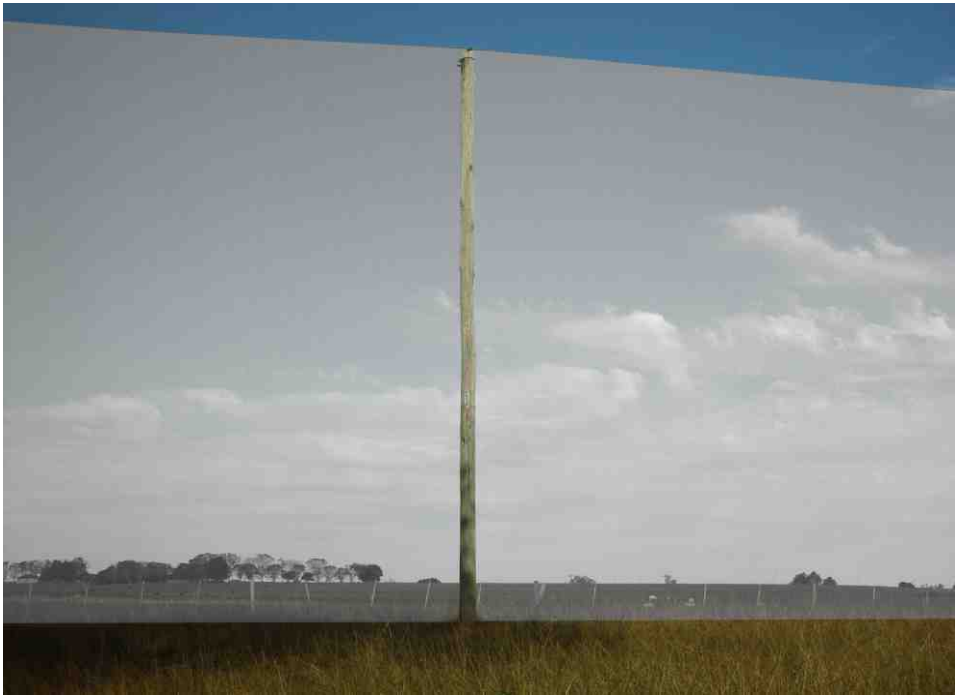
Because there are few roads in the rural pampas of southern Brazil, and the shortest distance between any two points is a straight line, the power lines that supply remote farms with electricity follow a pragmatic logic, often departing from established routes like dirt roads and rail road beds to cut across the region's otherwise natural landscape. One can trace this line from one farm to the next, through picturesque fields of rice, soybeans, and grazing animals towards the urban centers where the supply of electricity originates.

This project treats these power lines as a monumental stringed instrument which is always producing a unique oscillating music that is the result of an unconscious collaboration between man and nature. Incidental sound, captured by contact microphones buried in the ground at the base of the numbered concrete poles, is amplified, drawing attention to the frequencies that are always already being produced by seismic activity and electromagnetic fields surrounding the high tension wires provides a mesmerizing sound track for this audio/video installation.

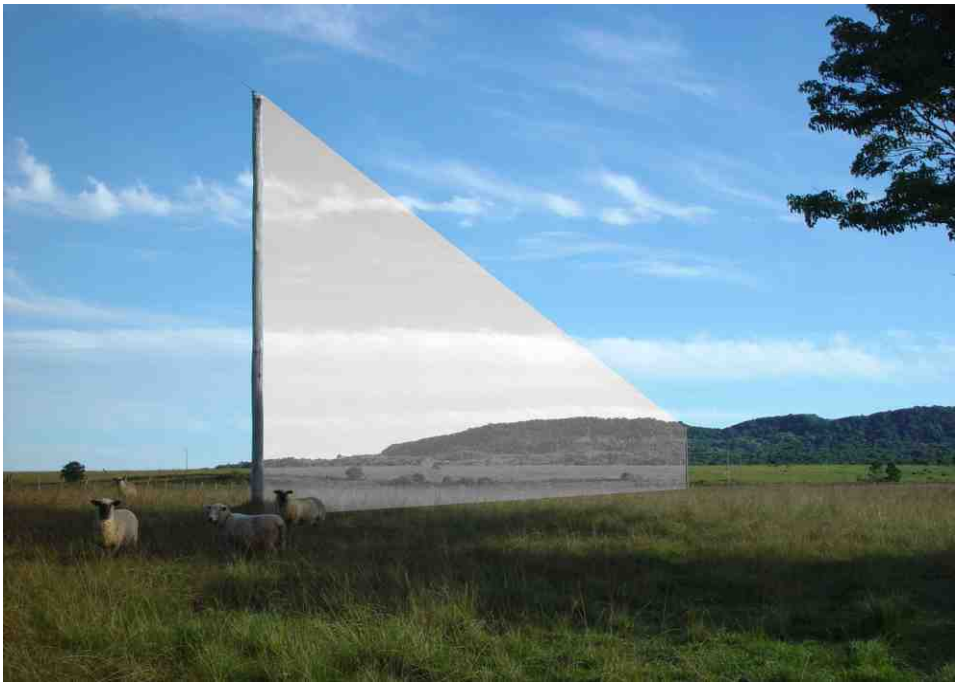
62931-62943 exists as a series of photographs and a meditative audio/video gallery installation in which the artist visualizes planes of pure sound that correspond to field recordings he made of various spans of high tension wire.

62931-62943 is an alternate mapping of the landscape of rural southern Brazil which ignores property boundaries. The video, through a very abstract narrative, tells the story of the artist's discovery of and fascination with this sonic phenomenon during his daily walks throught the fields while in residence at PROJETO LOM BA ALTA . It chronicles his daily encounters with imaginary architectures of pure sonic vibration in "agricultural time" - a slower kind of time within which the local agrigultural community functions. It is based on natural rhythms like the growth of crops, the fattening of animals, and the change of seasons.





62931-62943. **Série fotográfica e instalação multimídia**. Dimensões variáveis. 2008.



62931-62943. **Photographic series and audio/video installation**. Variable dimensions. 2008.

PAULA KRAUSE

Nascida em 1977, em Canela, RS. Paula Krause vive e trabalha em Porto Alegre. Artista, pequisadora e mestre em poéticas visuais pelo PPGAV do Instituto de Artes da UFRGS. Vem desenvolvendo uma pesquisa em *performance* da qual o resultado mais recente é uma compilação de vídeos editados a partir de ações por ela realizadas. Sua dissertação, intitulada *Auto-experiência: a prática artística como imagem, projeção e intuição de si*, foi realizada a partir de experiências calcadas na transformação permanente do pensamento e do gesto artístico que incitam ao fundamento de um envolvimento mais estreito consigo, com a arte e com o outro e teve por objeto de estudo experiências corporais que migravam da fixidez objetual ou expositiva para um campo aberto da ação artística performatizada Também participa do grupo de pesquisa *Veículos da Arte - CNPq,* coordenado pelo Prof. Dr. Hélio Fervenza – UFRGS.

Borne in 1977, in Canela, RS. Paula Krause lives and works in Porto Alegre. Artist and researcher, with a Master's in visual poetics from PPGAV in the Art Institute at UFRGS, she has been developing research in *performance* which recently resulted in a compilation of edited videos from actions she realized. Her dissertation, titled *Auto-experiência: a prática artística como imagem, projeção e intuição de si*, was carried out from experience based on the permanent transformation of thoughts and artistic gesture that inspire the foundation of a closer involvement with the self, art and the other. The object of study was composed of bodily experiences that migrated from fixed objectiveness or exposure to an open field of performed artistic action. She is also part of the research group called *Veículos da Arte - CNPq,* coordinated by Prof. Dr. Hélio Fervenza – UFRGS.

INERTE...

Não posso deixar de pensar, ao escrever este breve depoimento sobre minha experiência na Lomba Alta, na inércia da paisagem, ou na inércia em que entrei ao me deparar com esta paisagem. O que quer que eu fizesse, o que quer que eu pensasse, não poderia estar desligada daquela situação: estou aqui, no meio de uma extensão imensa de terra, imersa em uma sensação de que o tempo passa muito mais devagar. Qualquer atividade seria... passiva. Não foi a primeira vez em que senti algo assim.

De certa maneira, acho que sempre senti esta qualidade passiva da ação desde que comecei a trabalhar como artista. Cada movimento, em sua inutilidade e irracionalidade, não se justifica, nem pode ser explicado, a não ser pela inércia das imagens, dos lugares vazios que pedem um preenchimento, do repouso que supõe movimento ou mais repouso ainda...

Sentindo-me em uma espécie de torpor, me imagino como imagem neste lugar, então me fotografo, inerte, sem ação. O que sou eu neste lugar? Ou simplesmente fotografo o que olho, e que me parecem vazios que precisam se esvaziar mais, ou que parecem projeções de algo que já vi, que já senti, que já sonhei. Nada se transforma, tudo apenas continua igual ao que era. Ignoro o que vem antes, o que vem depois, o que era, o que não era, o que fiz, o que não fiz, tudo se resume.

Solitária, chamo isto de "auto-experiência", pois não importa o que resulta disso, não importam as imagens que sobram, e que mostro aqui. Elas não são testemunho, nem registro, de nada, de fato.

Ao me colocar nesta situação de residência, de artista residente, em uma paisagem como esta, sempre soube que estaria me posicionando em contato direto com minha própria apatia, passividade, com relação às coisas, às ações, às vontades de transformação que a ação artística parece prometer, mas que não cumpre. É apenas uma ilusão, aquela da folha em branco, aquela da mente vazia e relaxada, aquela da paisagem que se perde no horizonte...

INERT...

As I write this brief report on my Lomba Alta experience, I can't avoid thinking on the inert landscape, or how inert I turned when facing that landscape. Anything I did, anything I thought could not be detached from that situation: here I am, in a huge extension of land, immerse in a feeling that the time goes by much slower. Any activity would be... passive. It was not the first time I felt that way.

In a certain way, I guess, ever since I started working as an artist I have always felt this passive quality of the action. Each move, in its uselessness and irrationality, is not justified, nor can be explained, except for the inert images, empty places that demand fulfillment, the resting point that makes us suppose movement or even more resting...

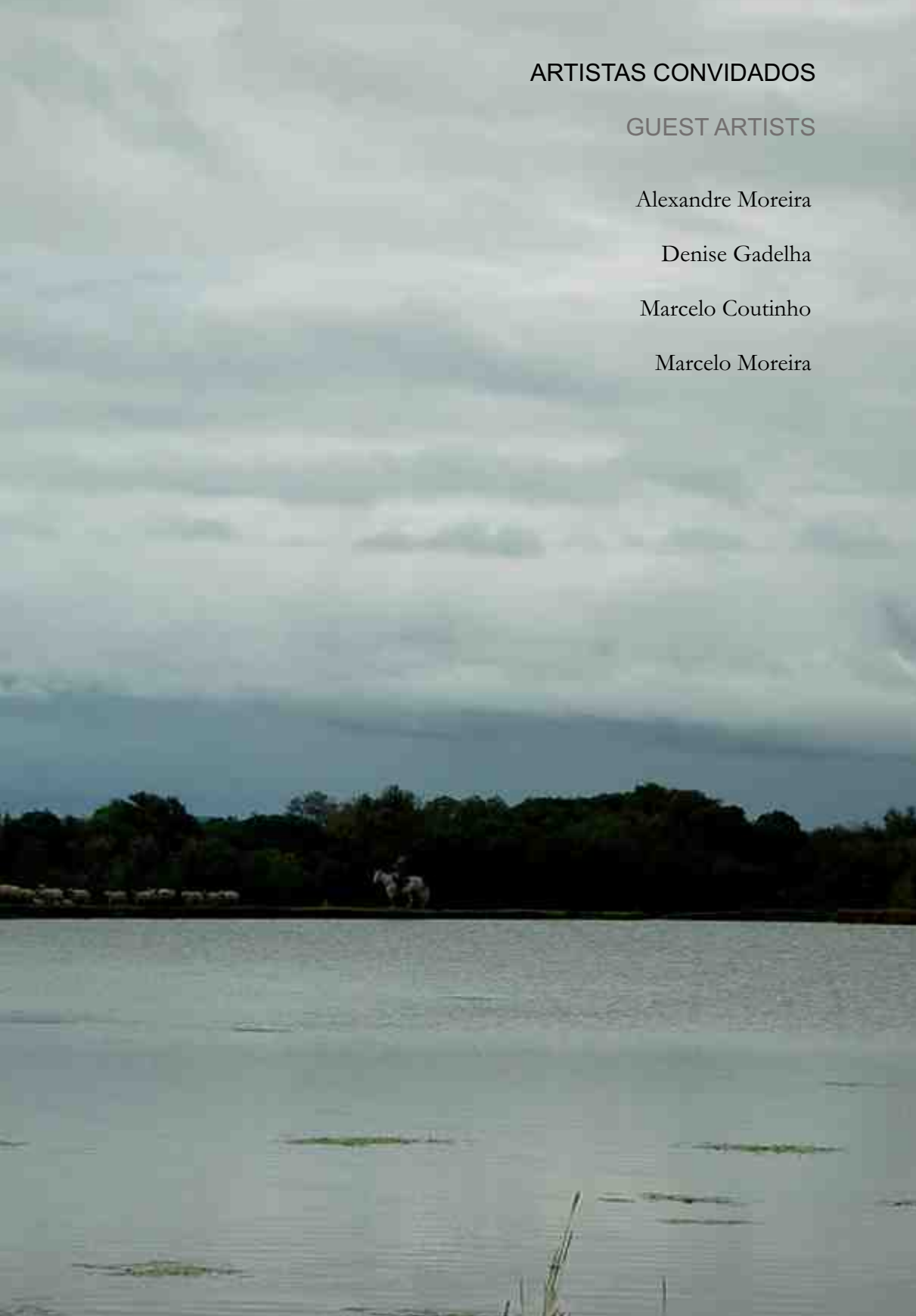
Feeling kind of numbed, I imagine myself as an image in this place, then I photograph myself, inert, without action. What am I in this place? Or simply photograph what I see, and it seems like a void that needs to be even more emptied, or that look like projections of something I have already seen, that I have already dreamed of. Nothing changes, everything is kept like it was. I ignore what came before that, what comes after it, what was not, what I have done, what I have not done, everything is summarized.

Lonely, I call it "self-experiment" for the result does not matter, the images that are left and that I now show you do not matter. They are not testimony, nor record of anything, nothing, in fact.

When I put myself in the residency position, as a resident artist, in such a landscape, I knew that I would be in direct contact with my own apathy, passiveness, in relation to things, actions, will to change which the artistic action seems to promise, but never carries out. It is always an illusion, that of a blank paper, that of the empty and relaxed mind, that of a landscape with infinite horizons...

INERTE. **Performance/fotografia**. Dimensões variáveis. 2008.

INERTE. **Performance/photograph**. Variable dimensions. 2008.



ARTISTAS CONVIDADOS

GUEST ARTISTS

Alexandre Moreira

Denise Gadelha

Marcelo Coutinho

Marcelo Moreira

ALEXANDRE MOREIRA

Nascido em 1974, em Porto Alegre, RS. Alexandre Moreira vive e trabalha em Porto Alegre. Mestrando em poéticas visuais pelo *Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul*, desde 2001, desenvolve ações independentes onde a seriação, a disseminação, a apropriação, a colaboração e a produção e compartilhamento da informação são idéias evidenciadas através do uso indiscriminado de imagens fotográficas oriundas das mais diversas fontes. Sejam elas internet, televisão, acervos pessoais ou de outros artistas, história da arte, etc. Ultimamente vem se dedicando ao entendimento do que chama de *Utopia da Quase-Realização,* já que parte significativa da sua produção dos últimos sete anos caracteriza-se pela idéia do *work in progress,* mais pela inaptidão em manter uma estratégia de visibilidade do próprio trabalho, do que pelo conceito em si. Entre seus projetos em andamento destacam-se *Apócrifo* iniciado em 2001, *Vidro* iniciado em 2002, *Fliperama* iniciado em 2005 e *Manifesto*™ iniciado em 2006.

Born in 1974, in Porto Alegre, RS. Alexandre Moreira lives and works in Porto Alegre. Master's student in visual poetics at the *Instituto de Artes from Universidade Federal do Rio Grande do Sul*, since 2001, he develops independent acts where seriation, dissemination, appropriation, collaboration, production and sharing of information are made evident as concepts through the indiscriminate use of photographic images from different sources. Might them be Internet, television, personal collection or from other artists, art history, etc. Recently, he has been dedicating himself to the understanding of what he calls Utopia of Near-Realization, since significant part of his production in the last seven years features the idea of a *work in progress,* fact that lies more in an inaptitude in keeping a visibility strategy for his own work, than in the concept itself. Among his current projects still in progress *Apócrifo* started in 2001, *Vidro* started in 2002, *Fliperama* started in 2005 and *Manifesto*™ started in 2006 stand out.

Às vezes as circunstâncias ou o acaso mesmo me jogam na apatia. De um tempo pra cá quase sempre. É um tipo de entorpecimento que me deixa confortavelmente anestesiado. E eu não gosto da sensação. Já há alguns anos, o meu controle sobre esse fenômeno é cada vez mais errático. E a experiência artística, nesse sentido, torna-se necessária quase como uma estratégia de sobrevivência. Ainda assim, por vezes percebo uma conduta quase protocolar também aí – onde deveria ser o meu lugar de invenção. A invenção que com o passar dos anos também se constituiu como a chance de estar aqui. Comigo mesmo e com os outros.

Quando na invenção, percebo certo automatismo involuntário, um ciclo se fecha e é então reiniciado. É o nada. Um nada vazio, em muito distante do sentido transformador que também cabe no nada. O nada da filosofia oriental, por exemplo. O nada a que me refiro aqui com certo desdém é um nada anestesiado. Uma vez o André falou em "mãos vazias e pensamento limpo". Esse tipo de nada eu tento identificar quando se manifesta no meu caminho, e posso dizer hoje que experimentei muito do que pode ser essa experiência. Talvez por isso eu viva agora a angústia de um paradoxo. De não poder ou não conseguir acessar um caminho que eu conheço bem e sei onde está. Minha conduta, meus princípios e toda a contradição aí contida, são, também, um norte para a minha existência. No entanto não raro me sinto descolado. Descolado da experiência e da realidade que, constantemente, tento inventar pra mim. Vejo-me, mas não estou ali. Desconectado. Essa percepção das coisas produz medo. E é esse medo que sufoca o fluxo dos acontecimentos. O sufocamento entorpece. Tudo ä minha volta fica mais lento, nebuloso, amortecido, difícil de respirar. Morfético.

Imbuído desse espírito, fui conduzido à Lomba Alta. O entorpecimento me apresentou desvios então. Desvios para não estar lá nem em lugar algum – talvez por isso eu quase não tenha estado por lá. Meus colegas, sem que estivessem conscientes, me fizeram lembrar outro desvio. A imagem desse desvio é em muito, semelhante àquela do sufocamento, da anestesia, mas o lugar que indica é outro: a do mergulho livre em apneia. Fui, então, confortavelmente anestesiado e quase pude sentir de novo que estava de mãos vazias e pensamento limpo. Chapado. O que aconteceu comigo lá, depois disso, fica entre o nada e alguma alucinação. Enquanto acontecia eu não percebia o fenômeno manifestando-se, mas sentia que estava lá. Estávamos lá e isso já era muito. Quando voltei à superfície fui aos poucos sendo invadido por indícios de sensações quase insignificantes, mas que transformam. Como as que lembro ter sentindo ao longo da minha vida e que agora o medo e a angústia insistem em abafar.

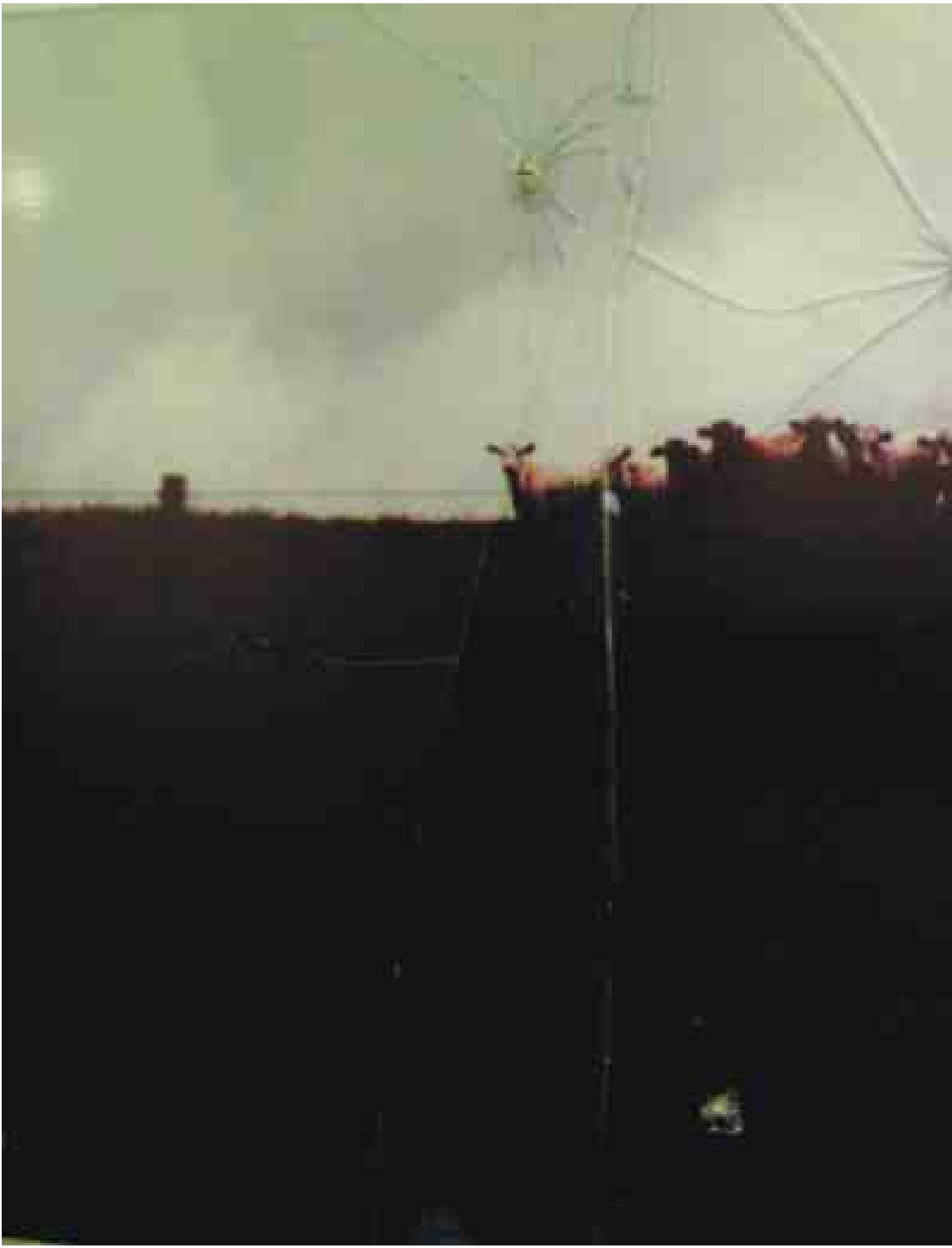
A experiência em Lomba Alta, embora fugaz, foi poderosa. O que vivi ali determinou o que viria a acontecer dias mais tarde em outra experiência de imersão em apneia – DOIS VAZIOS – dessa vez no cariri paraibano, onde então senti que ainda posso estar de mãos vazias e pensamento limpo. Mas essa é outra história. No momento, a sensação que me invade é a do tempo arrastado, dos gestos lentos, da agonia da asma que não deixa pensar. Mas agora eu sei, outra vez, o desvio que tenho de tomar. Por enquanto é o que tenho. Quase um espasmo. E só. É o nada. Mas é o nada que transforma. A realidade é construída. O tempo todo.

Sometimes I feel as though caught up in apathy by circumstance or mere chance. For sometime now it has been almost constant. It is a sort of numbness that leaves you comfortably anesthetized. I do not like the feeling. For a few years now, my control over this phenomenon has been ever more erratic. And in this sense, the artistic experience has turned into something necessary, almost as if it were a survival strategy. Yet, sometimes I notice conduct that almost follows a protocol even in this strategy – which should be my place of invention. The invention, along the years, has also come to constitute a chance to be here. With myself and others.

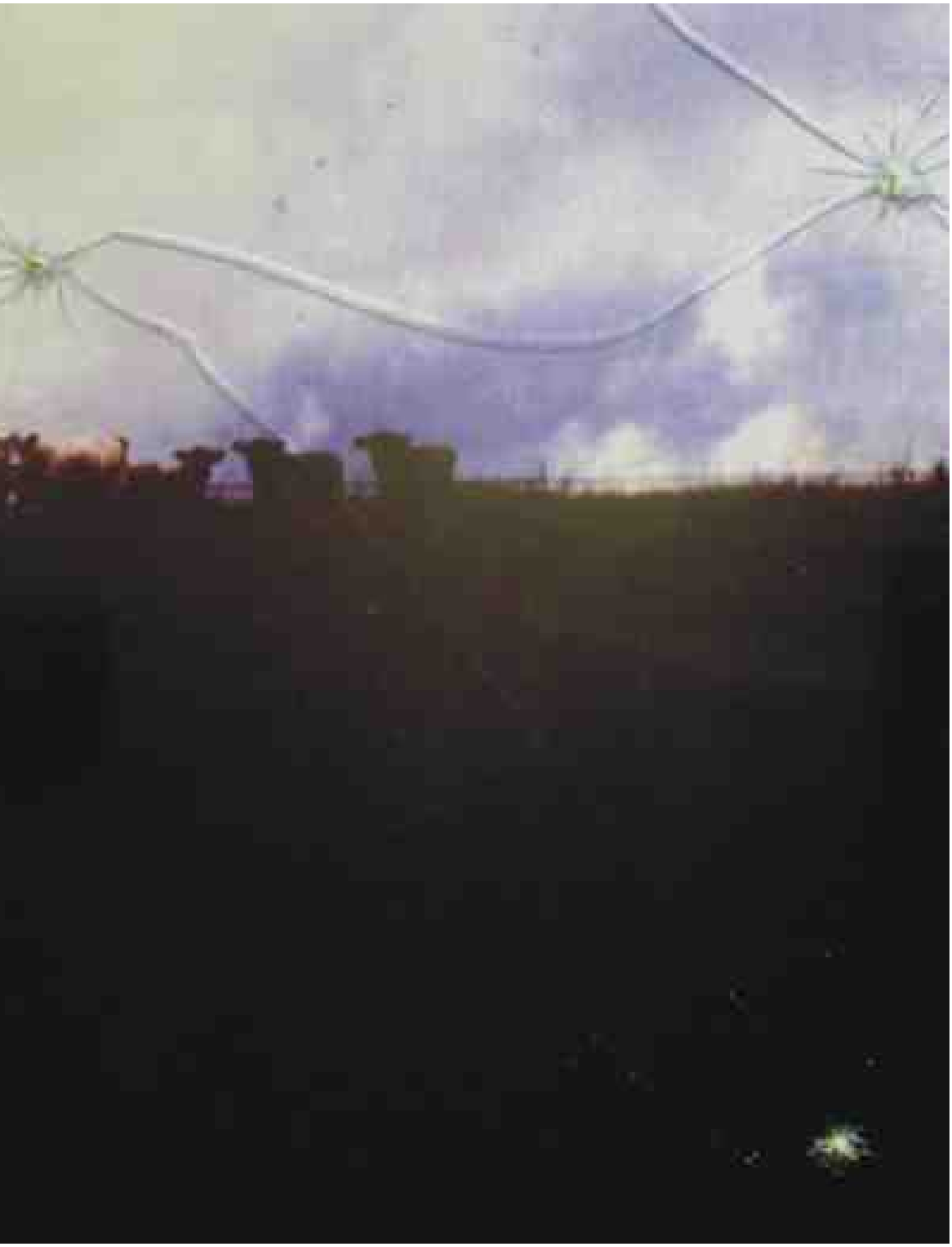
When I notice a certain involuntary automatism in the invention process, a cycle is closed and then restarted. It is nothing. It is an empty void, very far from the transformation sense the nothing also has. The nothing in western philosophy, for instance. The nothingness I refer to here with a certain dismay is a sort of anesthetized nothing. Once, André said "empty hands and clear thinking". I try to identify this type of nothing when it is set on my path, and I can say today that I have experienced much of what this experience might be. Maybe for this reason I live through the angst of a paradox. The angst of not being able or not managing to access the path I know well and where to find. My behavior, my principles and all the contradiction found in them are also the north to my existence. However, it is not rare for me to feel detached. Detached from the experience and the reality I constantly try to create for myself. I see myself, yet I'm not there. Detached. This perception of things generates fear. And it is this fear that suffocates the flow of happenings. The suffocation numbs. Everything around me becomes slower, hazy, numb, hard to breathe. Leprous.

Soaked in this spirit, I was lead to Lomba Alta. The numbness presented detours, then. Detours not to be there, nor anywhere – maybe that is why I have hardly been there. My colleagues, although unconsciously, made me recall another detour. The image of this detour is very much alike the one of suffocation, of anesthesia, but the place it indicates is another: it is free-diving, apnea. I was then comfortably anesthetized and could almost feel like again I had empty hands and clear thinking. High. What happened to me there after that will remain between nothing and some hallucination. While it was happening I could not notice the phenomenon in its manifestation, but I felt I was there. We were there and that was a lot. When I returned to the surface I was slowly taken by an almost insignificant evidence of sensations that made transformations. This was evidence I remember having felt throughout my life and that are now smothered by persistent fear and angst.

The Lomba Alta experience, though swift, was very powerful. What I lived there determined what would come to happen a few days later, in another immersion apnea experience – DOIS VAZIOS – this time in the State of Paraíba, where I felt I could still have empty hands and clear thinking. But that is another story. At the moment, the sensation that takes over me is that of dragging time, slow gestures, angst of asthma that will not let you think. Yet, now I know, again, the detour I must take. As for now it is all I have. Almost as a spasm. And that is all. It is nothing. It is the nothingness. Yet it is the transforming nothing. Reality is built. All the time.



VIDRO. **Impressão adesivada e pregos sobre vidro**. Dimensões variáveis. 2008.



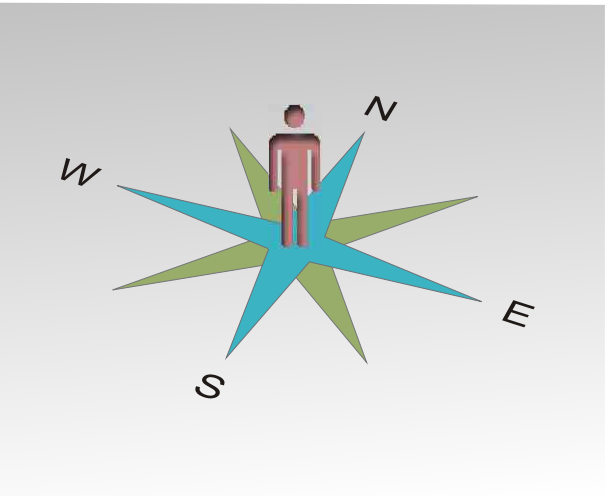
GLASS. **Adhesive-backed print and nails on glass**. Variable dimensions. 2008.

DENISE GADELHA

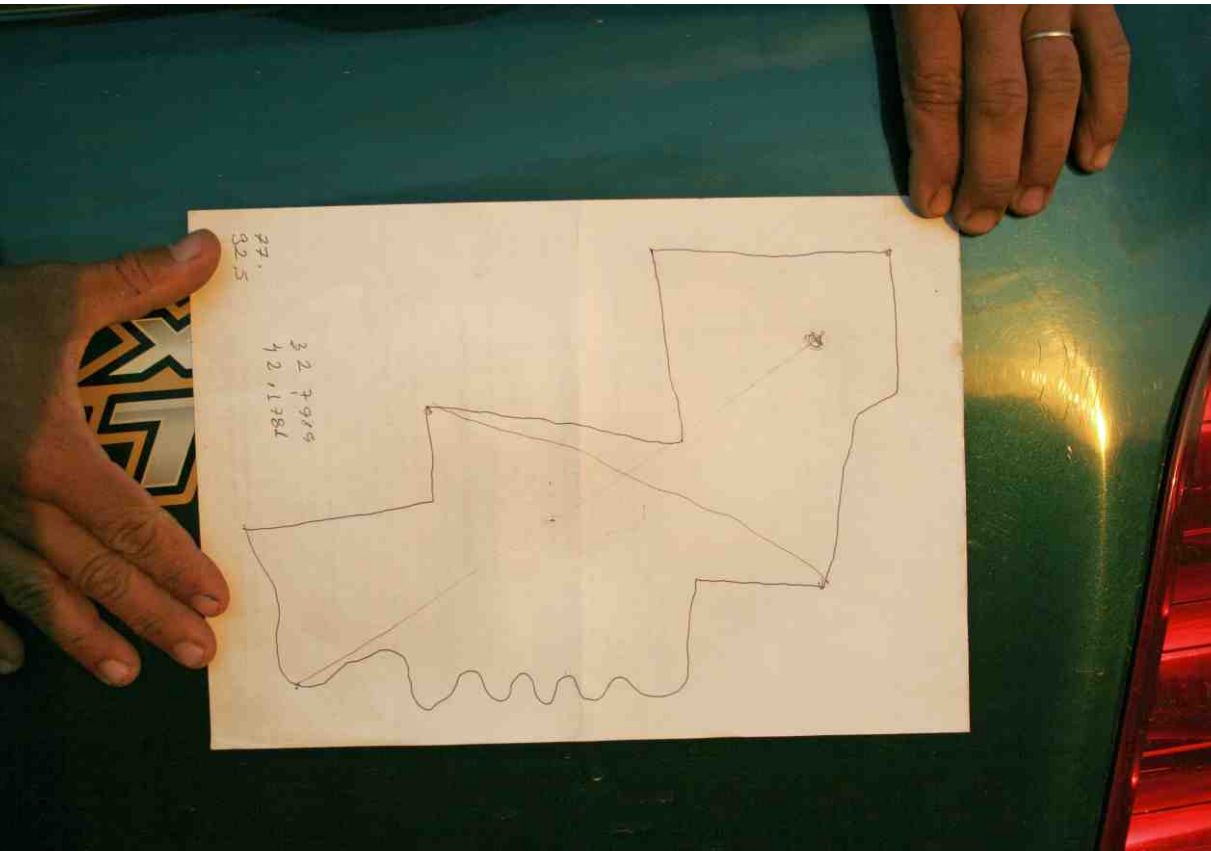
Denise Gadelha nasceu em 1980 em Belém, PA, Brasil. Em 1981 mudou-se para Porto Alegre, onde reside atualmente. Cursou Bacharelado em Artes Visuais / Habilitação em Fotografia pela UFRGS. Em 2007 tornou-se Mestre em Poéticas Visuais pelo PPGAV da UFRGS. Desde 2005 integra equipe do *Dynamic Encounters - International Art Workshops*, participando de atividades educativas em diversos países tais como Alemanha, Inglaterra, Itália e Estados Unidos. Realizou exposições individuais na Galeria Lunara, Usina do Gasômetro, em Porto Alegre em 2001 e no Torreão, também em Porto Alegre, no ano de 2005. Entre as mostras coletivas que participou destacam-se *Visões da Terra* (Museu da UFRGS, Porto Alegre, 2007), *XIII Salão da Bahia* (MAM, Salvador, 2006: prêmio-aquisição), *Rumos Itaú Cultural 2005-06* (São Paulo, Rio de Janeiro e Belém), *Grandes Formatos* (MAM, Rio de Janeiro, 2006), *Arte Brasileira Hoje - Coleção Gilberto Chateaubriand* (Santander Cultural, Porto Alegre, 2005), *Ano do Brasil na França: Projéteis de Arte Contemporânea* (Carreau du Temple, Paris, 2005), *Projéteis Funarte de Arte Contemporânea* (Funarte, Rio de Janeiro, 2004) e *Prêmio Chamex de Arte Jovem* (Instituto Tomie Ohtake, São Paulo com itinerância para o Rio de Janeiro, Recife, Brasília e Curitiba, 2004 - no qual obteve o 2° lugar).

Denise Gadelha was borne in 1980 in Belém, PA, Brazil. In 1981 she moved to Porto Alegre, where she currently lives. She has a degree in Visual Arts / Major in Photography from UFRGS. In 2007 she got her Master's degree in Visual Poetics from PPGAV at UFRGS. Since 2005 she is part of the *Dynamic Encounters - International Art Workshops* team and has participated in educational activities in several countries such as Germany, England, Italy and the United States. She held individual exhibits at Galeria Lunara, Usina do Gasômetro, in Porto Alegre in 2001 and at Torreão, also in Porto Alegre, in 2005. *Visões da Terra* (UFRGS Museum, Porto Alegre, 2007), *XIII Salão da Bahia* (MAM, Salvador, 2006: acquisition prize), *Rumos Itaú Cultural 2005-06* (São Paulo, Rio de Janeiro and Belém), *Grandes Formatos* (MAM, Rio de Janeiro, 2006), *Arte Brasileira Hoje - Coleção Gilberto Chateaubriand* (Santander Cultural, Porto Alegre, 2005), *Ano do Brasil na França: Projéteis de Arte Contemporânea* (Carreau du Temple, Paris, 2005), *Projéteis Funarte de Arte Contemporânea* (Funarte, Rio de Janeiro, 2004) and *Prêmio Chamex de Arte Jovem* (Instituto Tomie Ohtake, São Paulo with itinerary to Rio de Janeiro, Recife, Brasília and Curitiba, 2004 – in which she obtained second place) are worth mentioning among collective exhibits she has participated in.

etrex
LEGEND
GARMIN


N
W
E
S

DIGITAL


77.
32.5
32.7919
42.1787

Eixo 360º

Conhecer um ambiente novo, viver uma situação atípica no desenho formado por nossos gestos cotidianos... Parar, respirar fundo: sentir, observar e então interagir... sístole e diástole ...

No centro da Fazenda Lomba Alta estávamos diante do infinito, como quando estamos diante do mar, porém ali era um mar de terra. Ao sudoeste podíamos ver uma das ilhas de árvores que pontuam aquela paisagem de tempos em tempos. Tempo? Certamente uma medida de espaço: se estivéssemos a cavalo levaríamos cerca de duas horas para chegarmos ao ponto central da fazenda a partir da entrada. A força do ciclo do sol é determinante em um lugar destes. O homem deve agir de acordo com a observação das leis da natureza.

Porque quis ir ao centro? Talvez pela tentativa de criar uma ficção de cerne, algum rigor que estruture o devaneio absoluto. No entanto não foi possível escapar da imprecisão, pois o centro foi apenas estimado, devido ao formato irregular da fazenda. Estimativa baseada na experiência do capataz que percorre aquelas terras diariamente há mais de quatro anos. O perímetro da propriedade foi desenhado por ele, ao contorná-la medindo diversos pontos com um GPS. Contudo, a medição foi parcial e, por isto, estes dados foram somados ao empirismo do capataz para determinar um centro simbólico. A partir do qual realizei um ensaio fotográfico com o objetivo de registrar 360º de paisagem em torno deste eixo estabelecido. Para orientar os enquadramentos de acordo com os pontos cardeais e colaterais contaríamos com o auxílio do GPS, entretanto, quando estávamos no ponto x o aparelho ficou momentaneamente sem sinal e, assim as coordenadas geográficas foram igualmente inferidas. Na falta da bússola, podemos nos orientar pelo sol. O Sol sempre nasce no Leste e se põe no Oeste. Assim, com meu braço direito apontando para o Leste (nascente), com o esquerdo para o Oeste (poente): a minha frente será sempre o Norte e atrás o Sul. Nada mais certo do que isto.

Girando sobre meu corpo em um eixo de 360º, sentindo a intensidade do sol ao incidir sobre as diferentes extensões da paisagem, sentindo como a luz percorre a atmosfera e toca o chão cobrindo-o com um filtro, por vezes aveludado, outras acetinado, dependendo da região. Como traduzir isto em imagem?

A minha tentativa de resposta incluiu um estudo da interferência da luz sobre o aparelho fotográfico, e, dessa forma, ao invés de corrigir os "erros" de exposição, optei por usá-los como instrumento de representação.

Apresento aqui a tentativa de representar graficamente a sensação de estar no centro de uma grande extensão de terra, na qual o olhar pode perder-se em todas as direções. É realmente uma sensação especial, uma estranha liberdade advinda simplesmente do fato de não existir barreiras significativas que impeçam a visão do horizonte em sua plenitude – 360º.

360º Axis

Discovering a new environment, living an unusual situation in the drawing formed by our everyday gestures... Coming to a halt, breathing deeply: feeling, observing and then interacting... systole and diastole...

In the core of Lomba Alta Farm, we faced infinite, as we do when we stand before the ocean, yet there it was an ocean of land. We could see Southwest one of the islands of trees that punctuated that landscape from time to time. Time? Certainly measurement of space: if we had been horseback riding it would take about eight hours to get to the core point of the farm from its entrance. The power of the cycle of the sun is determinant in such a place. Man must act in accordance to natural laws.

Why did I wish to go to the core? Maybe in an attempt to create a fictional core, some strictness to structure the otherwise absolute reverie. Yet, it was not possible to escape the imprecision, for the core had only been estimated, due to the irregular shape of the farm. This estimation was based on the experience of the foreman that had roamed that land on a daily basis for more than twelve years. The perimeter of the property had been drawn by him, after going around it, taking several points as reference with a GPS. However, the measurement had been partial and for this reason data had been added to the foreman's empiric experience in order to determine a symbolic core for it. Having this core as a starting point, I made a photo essay with the purpose of recording 360º of the landscape around the axis that had been established. A GPS was used to help guide the frames according to the cardinal and collateral points, however, when we stood at point x the GPS device was momentarily out of service and so the geographic coordinates were also inferred. If we do not have a compass, we can be guided by the sun. The sun always rises from the East and sets in the West. Therefore, with my right arm pointing East (rising), with my left arm towards West (setting): my front will always be pointing North and my back will point South. Nothing more certain than that.

Turning around myself with a 360º axis , feeling how intensely the sun fell upon different extensions of the landscape, feeling the way the light runs through the atmosphere and touches the ground, covering it with a filter, velvety at times, satin at other times, depending on the region. How can one translate this into image?

My attempt at answering that question included a study of light interference on photographic equipment, and so I decided to use the exposure "mistakes" as a tool for representation instead of mending them.

I show you here the attempt to graphically represent the sensation of being in the core of a great extension of land, in which the eye can get lost in all directions. It is really a very special sensation, strange feeling of freedom coming simply from the fact that there are no significant barriers to prevent us from seeing the horizon as a whole – 360º.

EIXO 360°.Série de 08 fotografias. Dimensões variáveis. 2008.

***360° AXIS.* 08 photographs series.** Variable dimensions. 2008.

MARCELO COUTINHO

Nascido em 1968, em Campina Grande, PB, Marcelo Coutinho vive e trabalha em Recife. Formou-se em Artes Plásticas, é professor do Departamento de Teoria da Arte e Expressão Artística da UFPE e Mestre em Comunicação pela mesma universidade. A partir de 1997, seu trabalho concentrou-se em torno da criação de palavras que procuram definir sensações avessas ao código pré-estabelecido da língua herdada. Foi artista contemplado com a Bolsa de Fomento a Pesquisa em Artes Visuais FUNDARPE, PE em 2005, desenvolvendo o vídeo RAAR, no qual percorreu todo o circuito degradado da antiga ferrovia Great Western no estado de Pernambuco. Em 2004 foi a rtista contemplado com a Bolsa Vitae de Artes Fundação Vitae, SP desenvolvendo o vídeo Arra-Alexandria que teve como paisagem a cidade de Alexandria, alto sertão do Rio Grande do Norte. Atualmente é doutorando do Programa de Pós Graduação em Poéticas Visuais da UFRGS.

Born in 1968, in Campina Grande, PB, Marcelo Coutinho lives and works in Recife. Having a degree in Visual Arts, he is currently a professor at the Department of Art Theory and Artistic Expression in the UFPE and has a Master's degree in Communication from the same university. From 1997 on, his work has focused on the creation of words that try to define sensations opposed to the pre-established code of the inherited language. In 2005 he was awarded the Bolsa de Fomento a Pesquisa em Artes Visuais grant from FUNDARPE, PE, developing the RAAR video, in which he traveled the entire circuit of the degraded Great Western old rail road in the Pernambuco state. In 2004 he was awarded the Bolsa Vitae de Artes Fundação Vitae, SP developing the video Arra-Alexandria that had the city of Alexandria, in the wasteland of Rio Grande do Norte as background. He is currently a doctorate student in the Post Graduate Program in Visual Poetics at UFRGS.

Arra olo raar...

arra. pron. pess. da 1a pessoa singular. **1.** algo de funcionamento intenso destinado a reter e reconduzir as várias retenções e reconduções vindas de outros algos. **2.** algo que balbucia através de outro algo que também balbucia. **3.** algo que é fruto de uma matriz perdida, e que, por sua vez, será uma matriz perdida para outro algo.

olo. prep. **1.** Partícula gramatical usada para pôr em movimento de devir palavras e outros fragmentos da língua. Quando juntas a esta preposição, verbos, adjetivos, pronomes, adverbios passam a ter seus sentidos desfeitos para tornarem-se, junto com o que se unem, uma terceira coisa. **2.** Para além de um elemento conectivo puro, **olo** destitui de sentido particular os termos gramaticais envolvidos em uma sentença para fazer surgir uma terceiro sentido. Diz-se p. ex. "arra olo raar", "mavio olo africo", etc.

raar. pron. pess. da 2a pessoa singular. **1.** Enodamento fibroso geralmente momentâneo, cujas inúmeras fibras organizam-se em forma de bola, postado um palmo abaixo do pescoço, mais precisamente entre os dois mamilos. Este enodamento ganha a forma de inúmeros brotos que estendem-se por entre os membros, cabeça, nuca e genitália, ultrapassando a epiderme em busca de floração. **2.** Elemento que instaura a ligação orgânica entre duas temporalidades, lançando sobre a presente uma suspensão e sobre a futura um chamado inexato.

Não estou trabalhando com relações metafóricas ou de analogia, que também são métodos que estabelecem relações entre signos. Trata-se de relações que se estabelecem por fuga e deslizamento. Uma imagem desliza, escapa na direção de outra imagem. O nexo entre elas não é de similaridade ou linearidade, na fixação de uma semântica. Trata-se antes de tudo de um "teor", de uma "temperatura". Em termos espinosianos, um "afecto". Um afecto produz uma "afecção". A imagem é, ao meu ver, esta afecção. Esta afecção inevitavelmente desencadeará uma série de outras imagens semelhantes em teor porém diferentes em forma e sentido. Na falta de outro termo para me referir diria que o nexo é de tipo *genealógico*. Uma imagem gera outra, diversa de si que, por sua vez, gera outra *ad infinitum*. A cada nova geração, mais distante estará a primeira imagem que havia desencadeado o processo. Por isso falo de genealogia. Mas poderia igualmente falar de "evolução" ou de "entropia".

"Arra olo raar", filmado nas cidades de Olinda e Camaragibe, em Pernambuco, segue este princípio, digamos, metodológico. Foi exibido no projeto Lomba Alta como uma das atividades de troca e compartilhamento entre os artistas participantes do evento.

Arra olo raar...

arra. personal pronoun. 1st person, singular. **1.** Something of intense function destined to retain and re-conduct several retained and re-conducted material originated by other things. **2.** Something that babbles through something that also babbles **3.** Something that is fruit of a lost matrix, and that will also be a lost matrix for something else.

olo. prep. **1.** Grammatical particle used to set words and other fragments of the language into movement. When combined with this preposition, verbs, adjectives, pronouns, adverbs have their meaning undone in order to become a third element, together with the word it is combined to. **2.** More than just a pure connective element, **olo** displaced from its particular meaning of grammatical terms can be involved in a sentence to make a third sense emerge. It is said e.g. "arra olo raar", "mavio olo africo", etc.

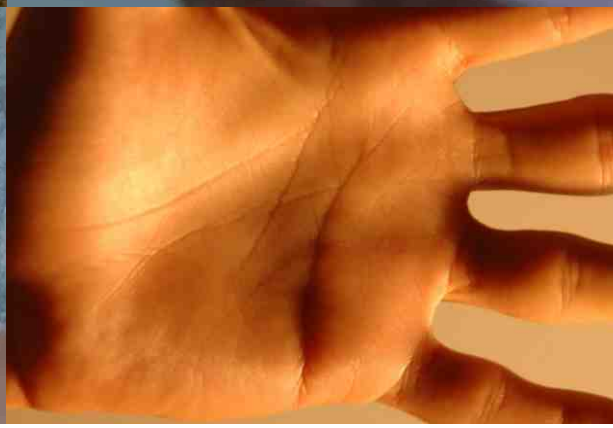
raar. personal pronoun. 2nd person, singular. **1.** Usually a momentary fiber knot, in which fibers are set in a ball shape, posted one foot under the neck, more precisely between the two nipples. This knot can be shaped as innumerous sprouts that extend to the limbs, head, nape and genitals, surpassing the skin trying to blossom. **2.** Element that initiates the organic connection between two temporalities, casting suspension upon the present and an inaccurate call upon the future.

I am not working with metaphoric relationships or analogies, which are also methods that establish relationships between signs. These are relationships that were established by escape and skidding. An image skids, escapes towards another image. The link between them is not similarity or linearity, in assigning semantics. It is, more than anything, "purport", a "temperature". In Espinozian terms, it would be an "affect". An affect generates "affection". An image is, in my point of view, this affection. This affection will inevitably unchain a series of other images similar in purport though different in shape and sense. Because I lack another term to refer to I would say that the link is *genealogical*. An image generates another, different from itself, which in turn will generate another *ad infinitum*. With each new generation, the further will the first image that unchained the process be. This is why I speak of genealogy. But I could just likely be speaking of "evolution" or "entropy".

"Arra olo raar", filmed in the cities of Olinda and Camaragibe, in Pernambuco, follows this so called methodological principle. It has been shown as one of the sharing and exchanging activities among artists taking part in the Lomba Alta project.

direção: Marcelo Coutinho **assistente de direção:** Gustavo Monteiro **direção de fotografia:** Oscar Malta **produção:** Alcides Valença e Marcelo Coutinho **edição de áudio:** Guto Felipe e Marcelo Coutinho **edição de imagem:** Guto Felipe e Marcelo Coutinho **atores:** Alcides Valença e Janaína Paes **apoio:** Fazenda Pitiguaí e Pedreira Guarani **agradecimentos:** João Afonso, Zé Vaqueiro e Egberto Gismonti **Agradecimentos especiais:** Aina Bosh, Antonio Souto Coutinho e Lisete Farias Coutinho, Alcides Valença, Alan, Eduardo Duarte, Guto Felipe, Gustavo Monteiro, Ismael Portela, Jane Pinheiro e Oscar Malta. **"Arra olo raar..." é dedicado a Jane Pinheiro**

ARRA OLO RAAR. **Filme digital transferido para DVD**.12min. 2007.



director: Marcelo Coutinho **assistant to the director:** Gustavo Monteiro **photograph:** Oscar Malta **producers:** Alcides Valença e Marcelo Coutinho **sound editors:** Guto Felipe e Marcelo Coutinho **video editors:** Guto Felipe e Marcelo Coutinho **actors:** Alcides Valença e Janaína Paes **support:** Fazenda Pitiguaí e Pedreira Guarani **acknowledgements:** João Afonso, Zé Vaqueiro e Egberto Gismonti **special thanks to:** Aina Bosh, Antonio Souto Coutinho e Lisete Farias Coutinho, Alcides Valença, Alan, Eduardo Duarte, Guto Felipe, Gustavo Monteiro, Ismael Portela, Jane Pinheiro e Oscar Malta. **"Arra olo raar..." is dedicated to Jane Pinheiro**

ARRA OLO RAAR. **Digital video transfered to DVD**. 12min. 2007.

MARCELO MOREIRA

Nascido em 1976, em Porto Alegre, RS, Marcelo Moreira vive e trabalha em Porto Alegre. Iniciou, no ano de 2005, formação em História da Arte e pesquisa plástica na ARENA – Associação de Arte e Cultura, em Porto Alegre. Participou, entre outros eventos, da produção e montagem das mostras da 24° e 25° Bienal de São Paulo e de todas as edições da Bienal de Artes Visuais do Mercosul. Com uma poética baseada pala diversidade de meios, realiza, desde 2003, experiências em escultura, pintura, fotografias, desenhos, mídias digitais, instalações e performances que caracterizam-se por indagações sobre a cotidianidade e o comportamento contemporâneo. Atualmente é aluno de graduação em Poéticas Visuais no Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Borne in 1976, in Porto Alegre, RS, Marcelo Moreira lives and works in Porto Alegre. He started his studies in Art History and plastic research in ARENA – Associação de Arte e Cultura, in Porto Alegre in 2005. He participated, among other events, in the production and assembling of the 24th e 25th Bienal in São Paulo and all the editions of the Bienal de Artes Visuais do Mercosul. His poetics is based on diverse means. He has been developing work in sculpture, painting, photography, drawing, digital media, installations and performances that feature inquiry about daily life and the contemporary behavior since 2003. At the moment he is an undergraduate student in Visual Poetics at the Art Institute in the Federal University of Rio Grande do Sul.

Cada coisa que sinto, vejo e escuto me faz pensar no momento em que isso poderá me ser útil. Por exemplo: tenho um incessante zumbido no ouvido que me acompanha durante todos os dias. Estou tão acostumado com ele que praticamente não noto o som constante dentro de mim. À noite a situação se agrava. Do lado de fora o silêncio da noite faz com que o zumbido se amplifique e vire retumbância. Essa situação me força à constatação da inexistência, ao menos em mim, do silêncio absoluto. Não posso afirmar que saiba, de fato, o que seja o silêncio – o que faz com que também tenha dúvidas se o almejo.

Se penso a respeito do silêncio, a situação que se monta é, no máximo, a sensação da imagem do vazio com trilha. Uma imagem que, no entanto, guarda a ilusão da possibilidade de se chegar a um estado de "não pensar em nada". Com isso, imagens, ações, sons, toda ordem de coisas que possa ser por mim produzida desemboca em um vazio que consome e desaparece com tudo o que nele deposito. Vivo, com o zumbido, a confluência de intenções diferentes; oscilando entre o possível e o incerto; cedendo aos desvios no caminho e tentando transformar tudo isso em conhecimento – em auto-conhecimento.

Minha busca de uma comunhão destas intenções me força a ações de desobediência da ordem estabelecida. Cada pensamento que construo, cada gesto que desenvolvo é para mim uma tentativa de forjar o silêncio. Durante os momentos em que me entrego à criação artística sinto, ainda que por breves instantes, o arrefecimento do som e sou conduzido a breves ocasiões de abstração. Isto é para mim a criação de uma cadência – um ritmo em que se sucedem as pausas e ênfases que subordinam a freqüência do zumbido. Ceder à permissão de continuidade do que foi lançado, reter, apropriar, ceder espaço para o intervalo no barulho constante do ouvido; esquecer essa convivência diária com o que compreendo por "ausência de silêncio", é para mim, a criação artística.

De cada zumbido algo novo surge, submerge em alguma profundeza e é novamente dragado. É a partir disso – do contato com a superfície que se refaz de tantas e tantas maneiras – que procuro estabelecer uma forma de elaboração visual que possa me ajudar a prescindir de uma seqüência lógica de produção. Isto significa, para mim, abster-se de uma rígida norma de encarceramento. Não dispor de uma lógica rígida, mas sim fazer evoluir a construção a partir do contato incessante com a sinergia produzida. Derramado em manchas, fazer destas manchas imagens, e destas imagens permitir uma leitura de todo esse conjunto.

De tantos caminhos percorridos, muitos deles eu terei de refazer. O gesto mecânico vai ser reorganizado – e já não será o mesmo. Um mesmo ato vai ser consumado – e os efeitos já serão diferentes. Tudo isto é, para mim, a construção de uma coletividade dentro de um espaço aberto e ao mesmo tempo isolado, impenetrável – é o movimento inverso de saída para entrada. É o silêncio...

Everything I feel, see, listen to makes me think of the moment in which it might become useful to me. For example, I have a permanent whiz that follows me every day. I am so used to it that I practically do not notice the constant sound within me. The situation is more severe at night. Outside the silence of the night amplifies the whiz and makes it reverberate. This situation forces me to realize the lack, at least in me, of absolute silence. I can not affirm that I know for a fact what silence is – which makes me wonder if I actually wish for it.

If I think about silence, the situation is that, at the most, there will be a sensation of a void image with soundtrack. Yet it will be an image that keeps the illusion of the possibility of getting to a state of "not thinking anything". Along with that, images, actions, sounds, all sort of things that might be produced by me will be discharged in a void that consumes and makes everything I entrust it with disappear. I live with the whiz, a confluence of different intentions; oscillating between the possible and the uncertain; giving way to detours on the way and trying to change all of this into knowledge – into self-knowledge.

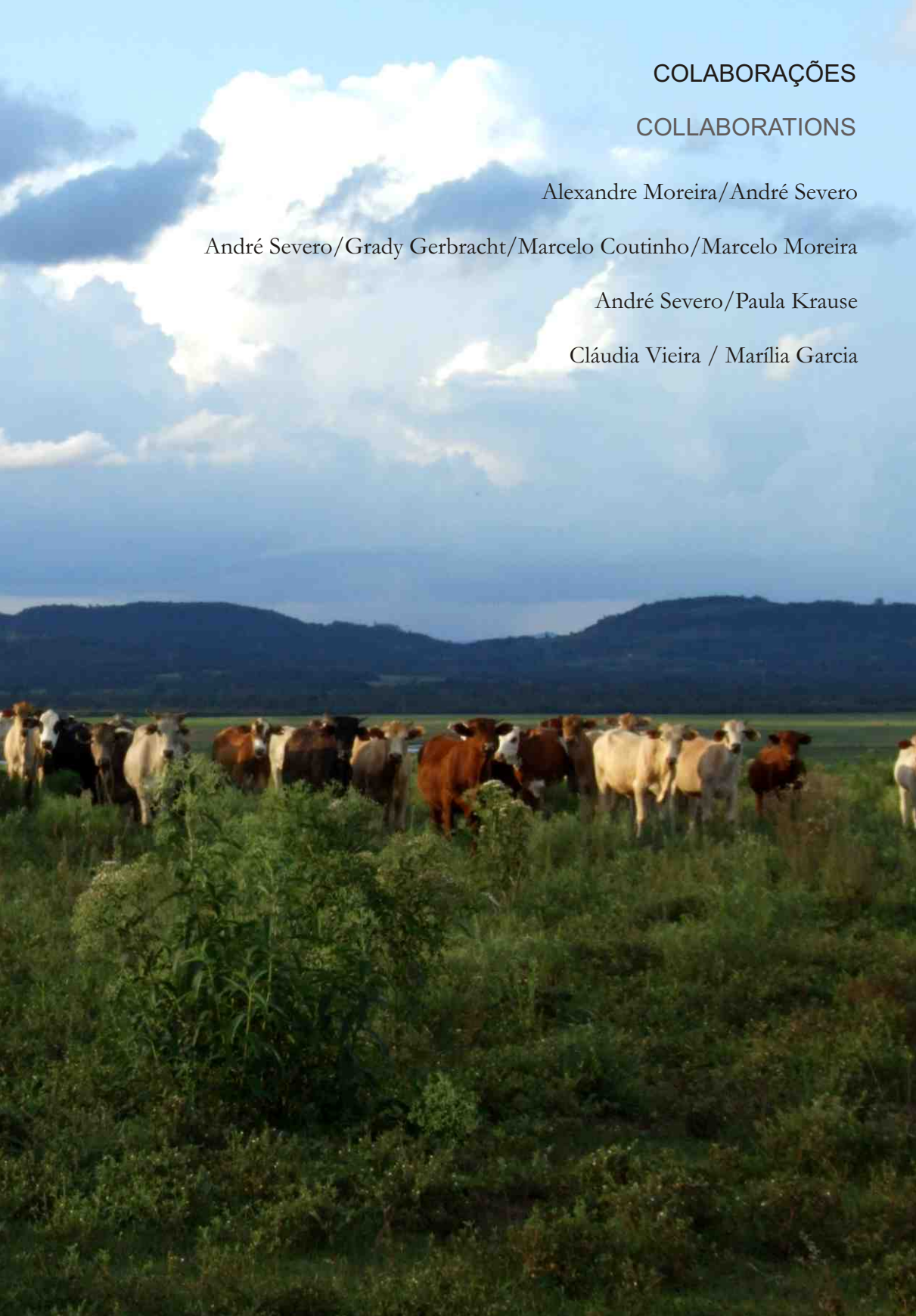
My search for a communion between these intentions forces me to acts of disobedience against the established order. Each thought I build, each gesture I develop is for me an attempt to forge silence. During the periods in which I devote myself to artistic creation, I feel even if for brief moments, that the sound is milder and I am lead to occasional abstraction. This means the creation of a cadence to me – rhythm in which there are pauses and stress that subordinates the frequency of the whiz. Grant permission to continue what has been launched, detain it, appropriate it, give way to space for the interval in the constant sound in the ear; forgetting the daily life with what I came to understand as "absence of silence", this is the artistic creation in my viewpoint.

From each whiz something new emerges, submerges to some deep bottom and then it is again drained. This is the starting point – the contact with the surface that remakes it in all so many ways – to try to establish a way visual elaboration can help me renounce a logical sequence of production. This means refraining from a strict set of chain rules. Not having strict logic, but making the construction evolve from the constant contact with the synergy produced. Spilling and staining, making these stains images, and allowing all the set to be read from those images.

I will have to go back to parts of the many paths I have taken. The mechanic gesture will be reorganized – and won't be the same anymore. The same act will be carried out – and the effects will be different. All of this is the construction of the collective within an open space and at the same time very isolated, impervious – it is the inverse movement from exit to entrance. It is the silence.

SILÊNCIO. **Série fotográfica e instalação multimídia.** Dimensões variáveis. 2008.

SILENCE. **Photographic series and audio/video installation**. Variable dimesions. 2008.



COLABORAÇÕES

COLLABORATIONS

Alexandre Moreira/André Severo

André Severo/Grady Gerbracht/Marcelo Coutinho/Marcelo Moreira

André Severo/Paula Krause

Cláudia Vieira / Marília Garcia

ALEXANDRE MOREIRA

ANDRÉ SEVERO

ADAPTAÇÃO. Performance/fotografia. Dimensões variáveis. 2008.

ADAPTATION. **Performance/photograph**. Variable dimesions. 2008.

ANDRÉ SEVERO

GRADY GERBRACHT

MARCELO COUTINHO

MARCELO MOREIRA

LOGOMAQUIA. **Filme digital transferido para DVD**.45min. 2008.

LOGOMAQUIA. **Digital video transfered to DVD**. 12min. 2007.

ANDRÉ SEVERO

PAULA KRAUSE

SPECIAL PLACE 11. **Série fotográfica.** Dimensões variáveis. 2008.

SPECIAL PLACE 11. **Photographic series**. Variable dimesions. 2008.

CLÁUDIA VIEIRA

MARÍLIA GARCIA

LINHA DÁGUA. **Série fotográfica e poema.** Dimensões variáveis. 2008.

Linha d'água

trocava as horas para ficar
acordado no mesmo fuso-
horário (dela) e sempre
dizia
on sait jamais. gostava
da história do filme em
que ela subia ao cume da
montanha para contar
o segredo a um
buraco na
pedra.
era a história do rei midas,
dizia, e o chinês perdido
no meio daquelas florestas
tropicais molhadas de verde
escondido num vagão de
trem. depois de tudo ainda falava
uma língua que lembrava o catalão.
mas não era. tudo ali
tinha a aparência de ser
e não era. ficava ouvindo
hot chip até tarde nos auriculares
(cinco horas da manhã
para dias de nebulosidade)
isso porque nesta época do ano
o fuso era só de cinco
horas (tudo tinha a
aparência de ser)

II.

(precisava de
memória
porque sempre esquecia as
histórias; anotava num bloquinho
mas não tinha tempo de se lembrar
ela parecia não se importar
contando outra vez das
superfícies ondulantes.)

o trabalho tinha apenas uma linha
que ela chamava de linha d'água
e vinha vindo contornava a costa
até chegar no ponto em que a vista
se confunde com o infinito
da espiral. (é que tudo tinha
a aparência de ser.).

Waterline

switched hours to stay
awake in the same time
zone (hers) and always
said
on sait jamais. liked
the story of the film where
she climbed to the top
of the mountain to tell
the secret to a hole
in the rock.
it was the story of king midas
and a chinese was lost
amid those tropical forests
wet with green
hiding in a boxcar. in the end still speaking
a tongue that recalled catalan.
but was not. all there had
the appearance of being
and was not. stayed late listening
to *hot chip* with headphones
(five in the morning
for days of nebulosity)
all because this time of year
the difference was only five
hours (all had
the appearance
of being).

II.

(he wanted
memory because
he always forgot the stories;
took notes on a small pad
but had no time to remember
she seemed not
to care, telling again
of undulating surfaces.)

the work had but one line
which she called waterline
and it went wrapping circling the coast
to arrive at that point where the view
blurs with the spiral's
infinitude. (it's that all had
the appearance of being).

Marília Garcia nasceu no Rio de Janeiro em 1979.
É autora do livro *20 poemas para o seu walkman*.

Marília Garcia was born in Rio de Janeiro in 1979.
She is the author of the book *20 poems for your walkman*

***WATERLINE.* Photographic series and poem**. Variable dimesions. 2008.

LOMBA ALTA

A Fazenda Lomba Alta, da qual o Projeto Lomba Alta empresta o nome e o entorno ambiental, possui aproximadamente dois mil hectares de terreno no pampa gaúcho. Localiza-se no município de Vale Verde, no estado do Rio Grande do Sul a 128 km da capital Porto Alegre, e foi fundada em 1947, quando o agropecuarista Celestino da Rosa Neto passou a morar e trabalhar na região.

Em 1955 Diná Rosa Vieira, filha mais nova de Celestino, recebeu um terço da fazenda e passou a administrá-la juntamente com seu marido. O nome Lomba Alta foi criado por Aldo Carvalho Vieira, agropecuarista e arquiteto que agregou, durante trinta anos, mais de metade da área herdada por sua esposa. Desde seu falecimento, Diná Rosa Vieira é a responsável pela administração da fazenda, pela produção de arroz e soja e pela criação de búfalos e de gado.

Montando suas bases na área física e no contexto das atividades desta fazenda, Lomba Alta é um projeto que pretende manter um modelo aberto que se transformará conforme a evolução do pensamento de seus criadores, e pretende oferecer a artistas brasileiros e estrangeiros, assim como a outros profissionais (críticos, escritores, fotógrafos, filósofos, arquitetos, etc.) uma oportunidade para experienciar, conceitualizar, e desenvolver seus trabalhos no contexto da paisagem e do ambiente natural e cultural único da região central rural do sul do Brasil. Ainda, este projeto pretende fornecer um ambiente no qual artistas de diferentes disciplinas e culturas possam produzir, interagir e colaborar com as comunidades locais e regionais, além de promover intercâmbios entre artistas e pensadores de diferentes nacionalidades através da criação de um programa de bolsa-residência que não somente possibilite que artistas e pensadores nacionais e estrangeiros desenvolvam a experiência de uma vivência prolongada no contexto da realidade do extremo sul do Brasil, mas que também propicie a estes artistas e pensadores a possibilidade de experienciar a construção de suas práticas criativas e reflexivas na circunstância de deslocamento para outra cidade ou país.

Lomba Alta farm from which Lomba Alta Project takes its name after and the environmental surroundings have approximately two thousand acres in the South Brazilian pampa (flat area). It is located in the Vale Verde Country; in the State of Rio Grande do Sul, 128 kilometers from its capital, Porto Alegre. The farm was founded in 1947, when Celestino da Rosa Neto started living and working there, mostly with livestock and agriculture.

In 1955 Diná Rosa Vieira, youngest daughter of Celestino, received a third of the farm and started to manage it together with her husband. The name Lomba Alta was given by Aldo Carvalho Vieira, (agronomist) farmer and architect who for 30 years annexed half of the area inherited by his wife. Since he passed away, Diná Rosa Vieira is responsible for the management of the farm, for its rice and soy crops and livestock, buffalo and cattle.

Structured on the physical space and context of these farm activities, Lomba Alta is a project that intends to keep an open model which will change according to the creators' thought evolution. It offers Brazilian and foreign artists, as well as other professionals (critics, writers, photographers, philosophers, architects, etc.) an opportunity to experience, conceptualize and develop their work in the context of a unique natural and cultural environment in the landscapes of the central rural region of South Brazil. Moreover, this project intends to supply an environment in which artists from different academic and cultural backgrounds can produce, interact and collaborate with the local and regional communities. The project also promotes exchange between artists and thinkers from different nationalities through the creation of a program of grants for residency that will not only make it possible for national and foreign artists and thinkers to develop a prolonged experience, living in the context of the utmost South Brazilian reality, but also provide these artists and thinkers with the possibility to experience the construction of their creative and reflective practices in a situation of detachment from their city or country.

Agradecimentos/Acknowlwdgements:

Adair Gass, Alexandre Moreira, Angela Freiberger, Ângela Ghizi Guimarães, Camila Krause Corrêa, Carlos Eduardo Corrêa Severo, Daniela Labra, Denise Gadelha, Diná Rosa Vieira, Eduarda Severo Saldanha, Fernando Azambuja, Hélio Fervenza, Herta Elbern, Inhe Druchdi De Cesaro, Ivone Schulz, José Agnelo Franzen Correa, José Roberto Oliveira Severo, Karin Lambrecht, Marcelo Coutinho, Marcelo Moreira, Marcio Vieira de Souza, Maria Bastos, Maria Helena Bernardes, Maria Terezilda Brasil de Mattos, Marilia Garcia, Melissa Saldanha, Nelson Rosa, Raul Krebs, Renata Timm, Rodrigo Amaral, Rodrigo Cavalheiro Saldanha, Rômmulo Conceição, Tatiana Sperhacke.

Apoio Institucional / Institutional support:

Fazenda Lomba Alta
Arena - Associação de Arte e Cultura
Goethe Institut Porto Alegre
Ilha Imagem
Montagem

Este livro é dedicado à memória de Aldo Carvalho Vieira

This book is dedicated to the memory of Aldo Carvalho Vieira

conexão artes visuais
MINC FUNARTE PETROBRAS

Patrocínio
BR PETROBRAS

Realização
FUNDAÇÃO NACIONAL DE ARTES funarte
Ministério da Cultura
BRASIL UM PAÍS DE TODOS GOVERNO FEDERAL
LEI DE INCENTIVO À CULTURA MINISTÉRIO DA CULTURA

Apoio
acf